

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

A Participação da Mulher no Movimento Comunista da Década de 30.

Aluizia do Nascimento Freire



Natal/RN, 2003.1

Aluizia do Nascimento Freire



A Participação da Mulher no Movimento Comunista da Década de 30.

Monografia apresentada à disciplina de Pesquisa Histórica II, ministrada pela professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da professora Maria da Conceição Fraga.

Natal/RN, 2003.

*No pedestal da igualdade
Firma o povo a liberdade,
Um canto à fraternidade
Entoa a voz da nação,
Que em delírio vidente
Fita altiva o firmamento,
E adora por um momento
A deusa _ Revolução!*

(Narcisa Amália Campos)

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria da Conceição Fraga, pela sua orientação e incentivo neste trabalho; à professora Françoise Dominique, pelo estímulo a esta pesquisa; e aos demais professores do Núcleo de Estudos e Pesquisa na área da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEPAM), bem como aos professores do Curso de História da UFRN.

Desejo agradecer também aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), do Arquivo Público do Rio Grande do Norte, e principalmente aos meus amigos, pela paciência que tiveram na concretização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
2 – O contexto Político e Social na Década de 30	13
2.1 – O Partido Comunista do Brasil e a Revolução de 30	13
2.2 – Os Comunistas farão Movimento Constitucionalista	14
2.3 – A Criação e Atuação da ANL	15
2.4 – Fundação do Partido Comunista do Brasil no RN	16
2.5 – A Situação em 1935	19
2.6 – A Fundação do Partido Comunista em Mossoró	19
3 – Os Anos 30 e a Mulher na Política	23 ¹ 24
3.1 – A Importância de um Partido de Esquerda para o Brasil	23
3.2 – A Importância da Participação Política da Mulher na Constituição de 34	25
4 – A Mulher no Movimento Insurrecional de 1935	29
4.1 – A Participação da Mulher na União Feminina do Brasil (UFB)	29
4.2 – O Papel da Mulher na Insurreição	31
4.3 – A Participação de Amélia Gomes Reginaldo	33
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	41
FONTES	43
Fontes Primárias	43
Fontes Secundárias	43
ANEXOS	44
Anexo 1: Relação das Mulheres que participaram do Movimento Comunista de 1935	
Anexo 2: Cópias dos Processos criminais do DOPS	

1. INTRODUÇÃO

Segundo Carrion,¹ em 1922 existiam inúmeros grupos comunistas em todo o Brasil. Particularmente ativo era o Grupo Comunista do Rio de Janeiro criado por Astrojildo Pereira em 7 de novembro de 1921 - que mantinha contato com outros centros operários, divulgando as 21 cláusulas da Internacional Comunista (IC) e conclamando esses centros para que também formassem grupos comunistas. Em 1º de janeiro de 1922, Cristiano Cordeiro - que entre 1919-1920 havia criado em Recife o Círculo de Estudos Marxistas - funda o Grupo Comunista de Recife. Nesse mesmo mês, o Grupo Comunista do Rio de Janeiro lança a revista "*Movimento Comunista*", tendo como objetivo "*defender e propagar, entre nós, o programa da Internacional Comunista*". No início de 1922, Astrojildo vai ajudar a fundar um grupo comunista em São Paulo. No Rio Grande do Sul, o Grupo Comunista de Porto Alegre, liderado por Abílio de Nequete, mantém desde 1921, contatos com a Internacional Comunista, através do PC do Uruguai, visando à criação do Partido Comunista do Brasil e a sua participação no IV Congresso da IC.

O Partido Comunista surgiu no Brasil em março de 1922, a partir de uma cisão do movimento anarco-sindicalismo, que dirigiu as grandes lutas do proletariado brasileiro na segunda década do século XX - como as greves gerais de 1917 e 1919. Nesse sentido, o partido é herdeiro direto dessas grandes mobilizações operárias.²

Nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922, reuniu-se no Rio de Janeiro o Congresso de Fundação do Partido Comunista do Brasil. Estavam presentes 9 delegados, representando 73 filiados em todo o país: Abílio de Nequete, barbeiro de Porto Alegre (que também representava o PC do Uruguai e a Agência de Propaganda para a América do Sul da IC), Astrojildo Pereira, jornalista de Niterói, Cristiano Cordeiro, funcionário público de Recife, Hermogênio Silva, eletricista e ferroviário, Cruzeiro (SP), João Jorge da Costa Pimenta, gráfico de S. Paulo, Joaquim Barbosa, alfaiate do Rio de Janeiro, José Elias da Silva, funcionário público do Rio de Janeiro, Manoel Cendon, artesão alfaiate, Luiz Peres, artesão vassoureiro do Rio de Janeiro. Destes, 7 eram brasileiros natos, um era espanhol (Cendón) e um libanês (Nequete).

¹ CARRION, Raul. *Revista Princípios*, 2001, P. 43

² VINHAS, Moisés. *O partido: a luta por um partido de massas 1922 - 1974*. P. 6

Abílio de Nequete foi eleito para a Secretaria Geral a partir de uma indicação de Astrojildo Pereira, possivelmente em deferência à maior antiguidade da “União Marximalista de Porto Alegre”, e por sua relação com o PC do Uruguai e com o *Bureau da IC para a América Latina*. Os demais provinham da militância anarco-sindicalista. O PC do Brasil foi registrado como Sociedade Civil, publicado o seu estatuto no Diário Oficial da União de 7 de abril de 1922.

Não era a primeira vez que se tentava organizar um partido operário no Brasil, nem mesmo um Comunista. De 1918 a 1921 são várias as tentativas, com maior ou menor grau de confusão ideológica. As greves generalizadas e os movimentos de massas de 1917 a 1920 haviam revelado toda a debilidade orgânica e política do anarquismo, sua incapacidade de resolver os problemas de direção colocados por um “*movimento revolucionário de envergadura histórica*”, como escreve Astrojildo Pereira - o militante comunista de maior peso político no período - enfatizando o caráter internacional do fenômeno. “*Assim, entre nós, a crise tem sido e é uma crise do anarquismo*”.³ O impacto da Revolução Russa, a discussão sobre o seu significado e os rumos que estavam tomando contribuem para acelerar o processo de diferenciação interna das antigas lideranças. Os novos grupos comunistas declaram abertamente que querem fazer política, colocando a questão do poder e procurando sistematicamente superar a confusão entre sindicatos, partidos e correntes ideológicas, praticadas pelo anarquismo.

O Sindicato, por definição, é um organismo especificamente econômico, destinado a agremiar todos os trabalhadores, sem distinção de partidos. E como há de ele agremiar todos os trabalhadores, num meio como nosso, se pretende estabelecer em sua estrutura de orientação, uma política ou ideologia prévia? Impossível. Isso virá em consequência precisamente da influência, em seu seio, das várias correntes ideológicas ou políticas” (Astrojildo relata, em artigo sobre “A organização sindical de massas”⁴)

Assim, provavelmente, o que distingue a tentativa de 1922 das anteriores, é o amadurecimento orgânico dos grupos comunistas e da legitimação decorrente da filiação à Internacional. Isto mostra com clareza que apesar de suas origens anarquistas, eles colocam a política no centro de suas atividades. É evidente que tal observação deve

³ Ibid, P.6

⁴ Ibid, P. 7

ser lida sob uma perspectiva histórica; em relação ao que o antecede o novo partido e representa uma ruptura qualitativa em todos os níveis.

Três meses depois da fundação do PC do Brasil, em 5 de julho de 1922, eclode o Levante do Forte de Copacabana ou Levante dos 18 do Forte no Rio de Janeiro, provocado por uma pretendida afronta do presidente eleito Artur Bernardes, às Forças Armadas, e sufocado ao preço da vida de dezesseis jovens oficiais, que se recusaram a render-se. Sua resistência deu nascimento ao Tenentismo, movimento dos jovens oficiais que se opunham ao sistema dominado por fazendeiros.⁵ Neste mesmo período é decretado o Estado de Sítio no Distrito Federal e Rio de Janeiro. Mesmo o partido estando alheio aos acontecimentos, a polícia aproveita para invadir e fechar a sua sede, colocando-o na ilegalidade apenas três meses após sua fundação. Abílio de Nequete, ameaçado pela polícia, retorna a Porto Alegre e Astrojildo Pereira é escolhido para substituir na Secretária Geral, posto que exerceu até novembro de 1930, com um interregno em 1929, quando passou um ano em Moscou.

Apesar disso, em seus primeiros nove anos de existência, o PCB realizou três Congressos Nacionais, elaborou seus estatutos, filiou-se à Internacional Comunista, manteve os primeiros contatos com Luís Carlos Prestes no exterior e desenvolveu uma sistemática ação sindical e política, que não se limitava a agitar as reivindicações dos trabalhadores, mas exigia a sua legislação. Organizou e dirigiu várias entidades. Publicou a revista "*Movimento Comunista*", que defendia as idéias marxistas e travava feroz batalha ideológica e política com anarquistas e socialistas. Editou em diversos jornais, entre os quais, "*O Trabalhador Gráfico*", que defendia as idéias socialistas, reivindicações trabalhistas, liberdade pública, democracia, denunciavam a ação do imperialismo e propagavam as realizações da Jovem União soviética. Sendo impedida de circular em julho de 1923, no governo de Artur Bernardes.

Segundo Carrion,⁶ o ano de 1922 encerra-se com um relativo avanço organizativo do partido, que passa dos 73 membros originários, para cerca de 250 filiados - dos quais 123 no Rio de Janeiro e em Niterói. A adesão de Octávio Brandão - conhecido intelectual progressista, até então vinculado ao marxismo - é indicado para a Comissão Central executiva, assumindo em abril de 1923 as tarefas de agitação e propaganda. Em maio de 1923, o número dos militantes se eleva a 300.

⁵ LEVINE, Robert. *O regime de Vargas: Os anos críticos 1934 - 1938*. P. 16

Em 1º de maio de 1925, o PC do Brasil lança como seu órgão central o jornal “*A Classe Operária*”. Seu primeiro número saiu com 5 mil exemplares, que se esgotaram rapidamente. A partir desse momento, o jornal semanário continua ampliando a sua tiragem, chegando a 9 mil exemplares em seu nº 9 e 11 mil, no nº 12.⁷

A “*Classe Operária*” é fechada pela polícia antes de poder publicar o seu décimo número, programado para 25 de julho de 1925. Pode-se dizer que, mais uma vez, as classes dominantes brasileiras mostram o seu caráter conservador, até reacionário, não permitindo sequer três meses de liberdade para que a Imprensa Comunista divulgue as idéias progressistas. A “*Classe Operária*” só voltará a circular em 1º de maio de 1928.

O II Congresso do PC do Brasil ocorre no Rio de Janeiro, entre 16 e 18 de maio de 1925. Além de 6 membros da antiga Comissão Central Executiva, participaram dos Congressos delegados das organizações do Rio de Janeiro e de Niterói (5), de Pernambuco (2), de Santos (2), de São Paulo (1) e de Cubatão (1), deixou de comparecer a delegação do Rio G. do Sul.⁸

As resoluções políticas aprovadas – baseadas nas opiniões que Octávio Brandão desenvolvera em seu livro “*Agrarismo e industrialismo*”⁹ – afirmam que as revoltas armadas de 1922 e 1924 eram ações revolucionárias “do tipo pequeno burguês” e refletiam a contradição básica “entre o industrialismo e o agrarismo”, e que haveria uma “terceira revolta”, a qual os comunistas deveriam apoiar buscando hegemonizá-la. Nessa direção, superestimava-se o papel progressista da burguesia industrial e subestimava-se o papel do campesinato.

Em 31 de dezembro de 1926 expirou o prazo do estado de sítio, que não foi renovado. A vida política do país retornou à normalidade e o partido voltou a ter uma atuação legal.

Em fins de 1926, o jornalista Leônidas de Resende- dono do diário “*A Nação*” e simpático às idéias comunistas - procura a direção do PCB e propõe a sua publicação como órgão do partido. O primeiro número saiu em 3 de janeiro de 1927, ostentando a foice, o martelo e o dístico “*Proletários de todos os países , uni-vos!*”. No dia 5 de

⁶ CARRION, Raul. Op. Cit., P. 44

⁷ Ibid, P. 44

⁸ PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio Histórico e Político*, 1979, P. 91

⁹ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: Sonho e realidade*, 1992, P. 52

janeiro, "A Nação" publica uma "Carta Aberta" propondo a formação do Bloco Operário (BO) e a participação nas eleições de 24 de fevereiro para o Congresso Nacional.¹⁰

O governo elaborou uma lei repressiva, conhecida como "lei celerada" – que além de reprimir as greves, autorizava o fechamento de sindicato, associação e entidades que "incidissem na prática de crimes ou atos contrários à ordem", vedando a propaganda de suas idéias. A lei foi aprovada na Câmara dos Deputados no dia 28 de julho de 1927. No dia 11 de agosto, véspera da sua sanção pelo presidente da República, circulou o último número de A Nação, depois de completar quase 200 edição. ⁴⁰⁰

Sancionada a "lei celerada", o partido passou novamente à ilegalidade. O Bloco Operário foi transformado em Bloco Operário Camponês (BOC), organizando-se em centros locais permanentes, com estatutos e direção próprio, sob a direção do partido.

Em 1927, é mantido o primeiro contato do PC do Brasil com Prestes, comandante da Coluna Invicta, e é proposta uma aliança por Astrogildo entre comunistas e os combatentes da Coluna Prestes, ou seja, "entre o proletariado revolucionário sob a influência do Partido Comunista e as massas populares, especialmente as massas camponesas, sob a influência da Coluna e do seu comandante".¹¹

O III Congresso do PC do Brasil realizou-se nos dias 29, 30 e 31 de dezembro de 1928 e 1, 2, 3 e 4 de janeiro de 1929, em Niterói. Dele participaram 31 comunistas, dos quais 10 membros da antiga direção, 13 delegados de 6 organizações regionais, 2 da Juventude Comunista, 3 de sem direito a voto e 3 observadores. Estavam representados os delegados de Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Não enviaram delegados Minas ^{MD} Gérias e Bahia. Dos participantes, 16 eram operários, 6 empregados, 6 intelectuais e 3 diversos. Astrogildo Pereira mais uma vez foi escolhido secretário-geral, cargo do qual será afastado em novembro de 1930.¹²

Na orientação política, o III Congresso manteve no fundamental a visão que já adotara no Congresso anterior: caracterizava a sociedade brasileira como uma economia agrária, semifeudal e semicolonial, e considerava que o imperialismo inglês apoiava a

¹⁰ PEREIRA, Astrogildo. Op. Cit., P. 21

¹¹ Ibid, P. 132

¹² Ibid, P. 135



burguesia agrária conservadora, enquanto o imperialismo norte-americano aliava-se à burguesia industrial liberal. O capital industrial e o capital agrário interpenetram-se cada vez mais, levando a um recuo da burguesia liberal. A crescente exploração e opressão das massas trabalhadoras explodem nas revoltas tenentistas, a primeira em 1922, a segunda em 1924, resultando na Coluna Prestes.

Analisando a experiência do BOC, o III Congresso chamou a atenção para o risco de o partido tanto perder a sua direção - caso em que o mesmo degeneraria em uma máquina eleitoral oportunista - quanto se diluir no BOC, limitando-se ao trabalho legal e eleitoral. O Congresso aponta para a necessidade do BOC ser estendido por todo o país, sem restringir-se à luta eleitoral.

Ainda que com erros, o partido procurava compreender as contradições da sociedade brasileira e formular uma estratégia que levasse em conta o papel da pequena-burguesia (e, mesmo, de setores da burguesia nacional) na luta contra o domínio oligárquico da República Velha e pela modernização do país.

O VI Congresso da IC, em setembro de 1928, que substitui a política de "*Frente Única*" pela de "*Classe Contra Classe*"; a I Conferência Comunista Latino-Americana, em julho de 1929 que submete a uma crítica a opinião de a pequena burguesia ser importante aliada do proletariado e do campesinato no processo revolucionário brasileiro; o III plano do CC e do PC do Brasil, em outubro de 1929, que sob a pressão dessas críticas avalia as eleições de 1930 como mera disputa entre fâcções da burguesia da qual o proletariado devia aliar-se, lançar candidatos próprios e transformar a luta eleitoral em uma verdadeira batalha de classe; e o plano do secretariado Sul-Americano da IC, em novembro de 1929, que ataca o "*menchevismo*" dos comunistas brasileiros; têm o efeito de alterar profundamente os rumos do PC do Brasil e a própria composição do seu núcleo dirigente.

Essas críticas à orientação política do PC do Brasil combina-se com a chamada "*bolchevização*" e "*proletarização*" dos partidos comunistas, incentivados pela IC. Astrojildo, que retorna de Moscou em janeiro de 1930, é um dos seus impulsionadores: em reunião do CC, Leôncio Basbaum e Paulo Lacerda são afastados do Bureau Político e Fernando Lacerda passa a ser suplente; pouco depois, o secretário sul-Americano da

IC determina a demissão de Octávio Brandão, e responsabiliza a antiga direção pelos erros de um “partido mergulhado na ideologia burguesa.”¹³

O Partido Comunista do Brasil ingressa em um período em que registra-se graves problemas de direção. Uma das conseqüências é o seu total alheamento do processo da Revolução de 30.

O período correspondente à década de 30 foi um dos mais conturbados do Brasil em termos políticos. Iniciou-se com a Revolução de 30, mudando o contexto político, com a ascensão das oligarquias gaúchas e mineiras e o declínio da oligarquia paulista. Esse momento corresponde ao governo de Getúlio Vargas, que assiste a organização da classe trabalhadora, ao surgimento de movimentos civis organizados e também ao surgimento de partidos políticos como o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Dentre esses acontecimentos merece destaque a Insurreição Comunista de 1935, enfatizando a participação das mulheres nesse contexto.

A bibliografia sobre a Insurreição contém obras que retratam o tema de uma forma geral como é o caso de *Revolucionários 35: Sonho e Realidade*, de Marly de Almeida Gomes Vianna; *O regime de Vargas – 1934-1938: os anos críticos*, de Robert M. Levine.

Com relação ao movimento de 1935 no Rio Grande do Norte os livros e trabalhos monográficos produzidos versam sobre as causas do movimento, o envolvimento da ANL e do PCB, e o envolvimento das mulheres. Destaca-se nesta bibliografia obras como: *A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia* de Homero de Oliveira Costa; *Revolucionários de 35: Sonho e Realidade*, de Marly de Almeida Gomes Vianna; *Praxedes: um operário no poder*, de Moacyr de Oliveira Filho.

O corte temporal compreende o início da década de 30. Neste intervalo dar-se-á uma visão panorâmica do quadro nacional, seguida de uma descrição do quadro político e social do Rio Grande do Norte, mostrando as especificidades locais, a eclosão da Insurreição indo até os últimos atos do processo repressivo.

Como metodologia será usado o método histórico, com ênfase num exame crítico da bibliografia e dos documentos consultados, questionando as informações contidas nas fontes, comparando-os e comprovando-os com outros dados para um

¹³ Ibid, P. 47

melhor aproveitamento da pesquisa. A exposição e a análise dos acontecimentos serão baseadas na bibliografia sobre o tema e nos relatórios, denúncias, julgamentos e apelações, além dos processos instaurados pelo Tribunal de Segurança Nacional, editoriais dos jornais oficiais “A República” e “A Ordem”, no período de 1935, constantes do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

O presente trabalho dividir-se-á em três partes principais: Na primeira, será feita uma contextualização do quadro político e social oriundo da reorganização do poder após a Revolução de 30 e a instalação do governo Vargas. Será ainda esboçada a importância do Partido Comunista do Brasil e a trajetória da Aliança Nacional Libertadora, movimentos importantes para a compreensão do contexto nacional da época. A segunda parte será dedicada à participação da mulher na política dos anos 30 e à relevância de um partido de esquerda. Também será feita uma descrição da participação da mulher na Constituição de 34. Na terceira parte, será abordada a participação da mulher no Movimento Insurrecional de 1935, baseando-se nos processos criminais do Tribunal de Segurança Nacional.

2 – O CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL DO BRASIL NA DÉCADA DE 30

2.1 - O PC e a Revolução de 30

A chamada “*Revolução de 30*” não representa uma ruptura com as antigas relações sociais e com os velhos métodos e hábitos da vida política e social brasileira, nem extirpou o latifúndio e o imperialismo. À primeira vista, seus episódios não passam de mera briga entre oligárquicos regionais - e assim serão interpretados, inclusive pelos comunistas, desprezando o seu significado maior.

Segundo Vinhas¹⁴ a crise econômica que atinge todo o sistema capitalista mundial na década de 30, não deixa imune o Brasil, e a famosa queima do café é um sintoma alarmante para a oligarquia, que assiste ao enfraquecimento do setor dos cafeicultores paulistas. A taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) durante o período de 1930 a 1937, mantém-se ao redor de 7% ao ano, apesar disso, o país continua a crescer. Isso é visível no tocante à industrialização: de 1920 a 1940, o número de operários industriais aumenta de 300.000 para 800.000. A urbanização, por sua vez,

¹⁴ VINHAS, Moisés. Op. Cit. P. 66

começa a adquirir características de “*inchação*” em algumas cidades, fenômeno ligado às distorções da estrutura agrária e ao êxodo rural alimentado pelas calamidades naturais periódicas e advindo da forma do desenvolvimento capitalista no campo, que se faz acompanhar pela desapropriação de pequenas áreas de exploração pelos grandes proprietários de terra. A grande concentração fundiária nas mãos de uns poucos atinge níveis altíssimos: em 1920, por exemplo 4% dos proprietários de terra com mais de 1000 hectares dispunham de 63% de toda a área ocupada no mundo agrícola. Mas apesar da manutenção do monopólio da terra e do latifúndio, o capitalismo intensifica sua penetração no campo, especificamente através da comercialização da produção, da exportação, da diversificação dos produtos e do abastecimento do mercado interno. Segundo os Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Censo de 1940, das 11 milhões e 500 mil pessoas ocupadas no campo, 5 milhões são colonos, semi-assalariados e assalariados permanentes e temporários.

A crise econômica está na base da crise política que vai dividir a oligarquia e, ao longo de um processo, enterrar definitivamente o antigo Estado oligárquico, agrário-exportador, e abrir caminho para a industrialização e para hegemonia dos setores burgueses mais avançados. Na eleição presidencial de março de 1930, o paulista Júlio Preste, candidato do então presidente Washington Luís, derrota Getúlio, selando o fim da “*Política do café com leite*”, isto é, o sistema informal de alternância na presidência entre paulistas e mineiros (agora era a vez de um mineiro). Há, entretanto, mais um fato novo. Getúlio, aliado às oligarquias dissidentes é a maioria dos “*tenentes*”, começa a preparar um movimento para tomar o poder. ^o Oferece a Prestes, por intermédio de antigos companheiros da Coluna, a chefia militar da revolução que se pretende concretizar. Ele a recusa e rompe com a Aliança Liberal. Sua direção política cabe a Getúlio Vargas, governador eleito do Rio Grande do Sul. Apesar de sua característica geral ser excludente das massas populares, provavelmente em virtude de seu aspecto antioligárquico, o movimento armado chegou a abrir espaço para alguma participação popular, principalmente em cidades com ^o Recife, João Pessoa e Porto Alegre. Os comunistas mantêm-se durante todo o período, ao longo do movimento. Embora cheguem a aderir e a participar em alguns estados. Mas essa participação é reduzida, individualizada e de forma alguma determinante.

Instalado o governo revolucionário provisório, Getúlio Vargas age através de interventores nos estados e com o parlamento fechado. Os tenentes no poder usam abertamente o autoritarismo para realizar o programa da Aliança Liberal, combater a oligarquia e a corrupção.

2.2 - Os Comunistas farão Movimento Constitucionalista

Em 1932, eclode o Movimento Constitucionalista, em São Paulo, polarizando vastas áreas de descontentamento e reação da burguesia liberal e da fração da oligarquia alijada em 1930. Apesar de derrotado, põe na ordem do dia a questão da Assembléia Nacional Constituinte. Vários políticos opositores de destaque são presos ou se exilam, como Artur Bernardes, Borges de Medeiros e Washington Luís. Não havia, no entanto, presos políticos permanentes nas fileiras socialistas e comunistas. Em fins de 1932, esboça-se a legislação eleitoral que norteará as eleições de 1933 à Assembléia Constituinte. Com a aproximação das eleições, delinea-se um ambiente de liberdades democráticas. Os comunistas que durante todo o período sofrem várias crises de direção e pesada influência do obreirismo, estão politicamente isolados. Apesar disso desenvolvem intensa atividade e participam das eleições de 1933 através de outras legendas. 'Apóiam 642 candidatos em todo o país, entre os quais 85 mulheres, mas sofrem grandes derrota, tanto mais que as direções não acreditavam, de fatos, em eleições e em reformas'¹⁵. Getúlio Vargas, por sua vez, prepara-se para ser eleito à Presidência da República pela assembléia Constituinte, em 1934, e o consegue. Em seu programa, incorporou todo o elenco de reivindicações trabalhistas – inclusive as que o PCB defendia – revestindo-o com a camisa-de-força do autoritarismo. E executa uma política industrializante.

Um dos principais sinais de efervescência política na qual está mergulhada a sociedade brasileira é o crescimento organizatório do movimento sindical, que se libertava da influência anarquista. Aumenta o número de sindicatos e de trabalhadores sindicalizados no país. O PCB e outras correntes de esquerda conseguiram fazer pronunciamentos políticos através das cúpulas sindicais. A intensa atividade política dos militantes do PCB no movimento operário e sindical culmina, em 1935, na realização de

¹⁵ Ibid, P. 69

Convenções Sindicais Estaduais, no Congresso Sindical Nacional e na organização de uma Central Sindical.

2.3 - A Criação e Atuação da ANL

O elemento mais característico desse Ascenso da sociedade civil é a formação e o amplo desenvolvimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), que despertará inúmeras energias e entusiasmos nas classes subalternas. Trata-se do primeiro grande movimento de massa no país onde o Partido Comunista terá uma influência decisiva. A ANL rapidamente se espalha pelo Brasil e a ela aderem personalidades, políticas, intelectuais e organizações classistas e civis. Recebe o apóio de inúmeros sindicatos, agremiações estudantis, e da Aliança Popular por “pão, terra e liberdade”, do Movimento contra a Guerra e o Fascismo, e elege Luís Carlos Prestes, o “*Cavaleiro da Esperança*”, como seu presidente de honra. O programa da ANL incluía, segundo o manifesto lançado pelo seu presidente de honra, em maio de 1935, os seguintes pontos: reforma agrária radical, expropriação dos meios de comunicação e outros serviços públicos, nacionalização dos bancos, supressão da dívida externa, derrubada do governo e a instalação de um governo democrático e popular.

O movimento aliancista representa, no Brasil, a primeira tentativa de aplicação da política de frente única contra o fascismo que, a partir de 1934, começava a ser adotada pela Internacional Comunista, rompendo taticamente com a política anterior de “Classe contra classe”. O PCB terá, assim, um papel decisivo no êxito e no fracasso da ANL. A pequena organização viveu sucessivas crises de direção: de 1930 a 1934 vários secretários-gerais se sucedem sem que nenhum se consolide. Em 1934, o PCB realiza a 1º Conferência Nacional e aprova uma linha política ampla.

No dia 5 de julho de 1935, um manifesto de Prestes é divulgado, logo após seu retorno da União Soviética, onde havia passado quatro anos, propõe a derrubada do governo e a instalação de um governo democrático e popular e será o pretexto utilizado por Getúlio Vargas para jogar na ilegalidade a ANL, baseado na Lei de Segurança Nacional em vigor desde março de 1935. O manifesto, em si já manifestava uma radicalização enorme e um golpe na própria ANL, pelo menos em seus setores não-comunistas. ‘Decretada sua ilegalidade, forçando os aliancistas a uma saída

insurrecional, em Novembro de 1935, que, por estar desprovida do apoio e da resistência efetiva das massas – as ações foram desencadeadas dentro dos quartéis – a insurreição é precipitada em Natal e no dia 27 fracassa, ou seja, foi facilmente sufocada”. A ANL chegou a tomar o poder, constituir um Comitê Popular revolucionário, no qual desempenhou papel relevante, o cabo Giocando Gerbasi Alves Dias se mantém de pé durante três dias. Outros levantes se sucedem no dia 24 no Recife, onde ocupa um quartel, liderado pelo sargento Gregório Bezerra. No dia 25 fracassa. No Rio de Janeiro o levante ocorreu no dia 27 e neste mesmo dia fracassa.

A ANL acaba derrotada em todo o país. A repressão que se seguiu foi violenta, com milhares de prisões, entre as quais a de Luis Carlos Prestes e sua mulher Olga Benário militante comunista alemã, em 5 de março de 1936, sendo condenado a 47 anos e meio de prisão pelo levante de 1935 e por um crime comum que sempre negou, o assassinato de Elza Fernandes.¹⁶

2.4 - Fundação do Partido Comunista do Brasil no Rio Grande do Norte

Assim como em nível Nacional e Internacional, os trabalhadores brasileiros insatisfeitos com a política implementada pelos governantes, começam a se organizar em sindicatos e partidos, como forma de se contrapor ao capitalismo e as grandes desigualdades sociais existentes. No Rio Grande do Norte não foi diferente; em 1921, reorganizou-se a União dos Sapateiros de Natal, que tinham como principais reivindicações melhores salários, redução da jornada de trabalho e uma legislação trabalhista. Em Natal, a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) está ligada à figura do sapateiro, José Praxedes de Andrade, um dos organizadores da União dos Sapateiros, junto com Raimundo Moreira.

Em novembro de 1926, um grupo de *“quatro sapateiros, formados por Praxedes, Aristides, José Moreira e Pedro Marinho, os que mais se destacaram junto aos operários, começam a se organizar, para discutir as idéias da revolução russa. Criando a primeira célula comunista em Natal,”* conta Praxedes.¹⁷ Quem veio a Natal

¹⁶ Ibid, P. 71

¹⁷ OLIVEIRA, Francisco Moacyr de. *Um operário no poder*. 1985, P. 29

para discutir a formação do Partido, foi Lourenço Justino, de Recife. O crescimento do Partido Comunista está relacionado à ampliação de sua base: trabalhadores das docas, da estiva, da estrada de ferro, foram se organizando, tomou vulto e passaram a receber o jornal “*A classe operária*” e divulgá-lo.

Organizada essa primeira célula do Partido, com o recrutamento dos sapateiros que integravam o antigo grupo maximalista (grupo formado por quatro pessoas para discutir as idéias marxistas) a atividade partidária em Natal cresceu. Antes disso o partido tinha sido organizado também em Mossoró pela família Reginaldo, liderada por Raimundo Reginaldo.

Nessa época, os contatos com a direção partidária eram feitos por cartas e documentos enviados a Natal pelos militantes marítimos. Os trabalhadores dos navios da Loyd Brasileiro, da Companhia de navegação costeira da companhia de comércio, em que todos os navios tinham gente a bordo que era do partido, e o responsável pelo contato com o pessoal de bordo era um doqueiro chamado Pedro Arcanjo.

Em março de 1929, o PCB convoca seus militantes para a I Conferência Nacional, onde seria criado o Secretariado do Extremo Norte e Nordeste. Praxedes é escolhido como delegado do Rio Grande do Norte, e viaja para Recife, “*Discutimos lá durante dois dias e meio*. Compareceram delegados de todos os Estados Nordestinos, e a maioria gente do campo. Ouvimos os informes da situação partidárias em todos os Estados e da situação dos trabalhadores, que era muito ruim”. Segundo Oliveira,¹⁸ nos canaviais, os trabalhadores recebiam 1500 réis por dia, o que não dava para sobreviver.

A situação Política do país nessa época continuava tensa. Em nível nacional aproximava-se a campanha eleitoral com o lançamento de dois candidatos: Júlio Prestes, apoiado por Washington Luís e Getúlio Vargas, apoiado pela Aliança Liberal.

Ao contrário dos comunistas, Café Filho jogou-se com força na campanha Getulista e, com isso fortaleceu as bases da Federação dos Trabalhadores, que até então tinha sido organizado para fazer frente à liga ao centro operário e ao grupo maximalista de Praxedes.

Ao mesmo tempo em que a federação crescia, Café ia atacando Juvenal Lamartine que era Governador do Estado e apoiava Júlio Prestes, contribuindo para uma perseguição ainda mais acirrada ao grupo de Café Filho, causando grande conflito para a classe trabalhista, que havia sido

¹⁸ Ibid, P. 33

traída por Café Filho, contribuindo para um clima tenso entre os comunistas e Café Filho, que durante esse período vive o espocar da revolução de 1930.

No mês do novembro Juvenal Lamartine, prevendo a chegada das tropas do tenente Juarez Távora, decide abandonar o Palácio Potengi.

Os militantes do partido acompanharam de perto toda essa movimentação, registrando os fatos para servir de base a um manifesto, que seria divulgado ao povo de Natal no dia seguinte. *“O manifesto foi redigido pelo estudante Benildes, membro da Juventude do Partido, atacando o movimento e particularmente a Café Filho. O volante dizia que tinha acabado de se consumir mais um ato cujo objetivo era manter a situação de miséria dos trabalhadores. Mostramos que os trabalhadores não iam ser beneficiados com aquele movimento e desmascaramos João Café como oportunista que só queriam subir ao poder”*.¹⁹

Café Filho para mostrar que não tinha nenhuma ligação com os movimentos, manda prender José Praxedes, acusado de ser comunista e líder do grupo comunista de Natal.

No dia 23 de março de 1931, dia da fundação do Partido, foi preparada uma manifestação em nível nacional denominada *“A marcha da Fome”*. A marcha da fome causou grande repercussão em Natal. Saindo da localidade chamada Peixe-Boi, no quilômetro seis da estrada de rodagem Natal-Macaíba, entrou na cidade pelo bairro do Alecrim e foi reprimida pela polícia já no centro de Natal nas proximidades do quartel.

Em 1932, com a Revolução Constitucionalista de São Paulo, o partido ficou contra o movimento Paulista e pregava uma posição de neutralidade. A ^oAtividade de propaganda era intensa, com os militantes fazendo freqüentes comícios relâmpagos pelas ruas de Natal, onde era intenso o movimento de tropas com destino a São Paulo.

2.5 - A Situação em 1935

Em abril de 1935, o partido realiza uma nova conferência estadual para traçar suas diretrizes de ação política e elege uma nova direção, formada por Praxedes, Aristides, Francisco Moreira, Raimundo Reginaldo e Lauro Lago.

Pouco tempo depois da Conferência, Natal é sacudida por um forte movimento

¹⁹ Ibid, P. 36

grevista que começou pelos motoristas de táxi, e se estendeu às docas, à estiva, aos ferroviários da Great Western, culminando com a adesão dos funcionários da companhia de água e Energia elétrica. A greve era dirigida pelo motorista Epifânio Guilhermino. As principais reivindicações eram 8 horas de trabalhos e aumento de salário.

Na versão de alguns historiadores, as bases da Insurreição de 1935 começavam a ser sedimentadas exatamente a partir desse movimentos grevistas, citados acima.

Segundo Oliveira,²⁰ em fins de junho de 1935, a Aliança Nacional Libertadora promove um comício em Natal, com presença de um dos seus principais líderes nacionais, o comandante Roberto Sissan. Depois do comício, Sissan reuni-se com alguns simpatizantes da ANL, entre eles alguns militantes do partido, e fez um alerta sobre a necessidade de se ir preparando um movimento armado de envergadura. Nesse período o Governo Getúlio Vargas decreta a ilegalidade da ANL.

O partido já havia se fortalecido bastante em Natal, com células formadas em diversas empresas e uma comunicação permanente em Mossoró, onde havia uma organização bem estruturada, inclusive com homem armados. 'A linha política do Partido continuava a mesma: atacar o governo Getúlio Vargas e denunciar publicamente as amplas massas que nada havia sido feito para melhorar as condições de vida da classe trabalhadora'.²¹

2.6 - A Fundação do Partido Comunista em Mossoró

O fortalecimento do Partido Comunista Brasileiro em Natal se dá com a fundação do partido em Mossoró em 1928, período bastante significativo à classe trabalhista.

A história do PCB em Mossoró está ligada à família Reginaldo. Impossível reconstituir sua trajetória sem referências constantes a atuação dessa família numerosa, cujos membros na sua trajetória dedicaram parte de suas vidas às causas da transformação social. Dentre eles: Raimundo, Jonas Lauro e Reginaldo tiveram de enfrentar a violência da repressão, as prisões e a clandestinidade.

²⁰ Ibid, P. 37

²¹ Ibid, P. 40



Antes da fundação do PCB, Raimundo Reginaldo empreende suas primeiras incursões no movimento sindical através da liga operária. Sua orientação à frente da liga foi responsável por uma atenção em que as reivindicações por melhoria nas condições de vida e trabalho assumiram uma dimensão inferior ao mutualismo e assistencialismo que caracterizam as sociedades beneficentes. Essa orientação, que faria da liga o núcleo de origem do sindicato, irrita as elites dominantes que contam por conseguir sua expulsão da liga em 1927.

Vale ressaltar que o PCB surge em Mossoró, quando ainda não havia qualquer sindicato organizado, ~~era~~ esse o objetivo do grupo que fundara o partido, ~~a intenção de~~ organizar os trabalhadores das diversas categorias em sindicatos; para isso investiram na ampliação e estruturação do partido, atraindo os operários à conscientização política.

O PCB surge da organização dos trabalhadores salineiros, que denunciaram as péssimas condições a que estavam submetidos. O comércio e a construção civil estavam em ascensão. Então, Mossoró era um pólo aglutinador do operariado, numa proporção bastante superior às outras cidades do estado e desenvolvia uma atividade produtiva de maior importância para a economia regional e nacional.

Além disso, Mossoró era o ponto de convergência de toda a região oeste, de modo que tudo que aí acontecia tinha ressonância imediata nas cidades circunvizinhas.

Ser um pólo concentrador de riqueza, correspondia a ter uma classe dominante particularmente avessa a qualquer indício de organização dos trabalhadores. Portanto, o partido começa sua atuação a partir de poucos elementos e cercado pelos mais absoluta clandestinidade.

Aos poucos foram começando a aglutinar novos membros, principalmente operários salineiros. Aliás, a criação do PCB em Mossoró teve desde o início o objetivo bem definido, qual seja, o de organizar as diversas categorias em Sindicato. A partir dessa orientação foram atraindo os trabalhadores como: Francisco Florêncio de Almeida, Joel Paulista, Francisco Guilherme, Manoel Feitosa, Manoel Torquato de Araújo.²²

Em 1928 estava no governo do Estado Juvenal Lamartine, que administrava o Estado como sua propriedade. Não havia espaço para o pensamento divergente. A seu respeito são unânimes as alusões à violência: *"Lamartine era um pouco violento, ele*

*mandava dar de virola mesmo, nos inimigos dele; os cafeístas, como era chamados, chiavam na virola. E esse fato de ele fechar sindicatos e tudo isso, naturalmente criou animosidade com todas as classes populares”.*²³

Em nível local, também o clima era tenso, com os confrontos com o Senhor Saboya e com as denúncias desencadeadas a partir da Liga Operária. Toma posse o Prefeito, em 1929, Rafael Fernandes, numa conjuntura social agitada pela seca, que redundava em fome, carestia e falta de trabalho. Para aumentar a crise são paralisados os serviços de construção da Estrada de Ferro, nessa época atuando no trecho Mossoró Caraúbas. Sem trabalho os operários vagueiam famintos e há registros freqüentes pelos jornais da violência policial sobre os trabalhadores, e denúncias de “*formidável surra de virola*”.²⁴

O partido começa a se organizar e, aos poucos passa a aglutinar operários em torno de seus militantes, os quais passam a ser uma referência para parte da classe trabalhista. Por essa época, há um saque no mercado público. Além da crise desencadeada pela seca e pela falta de trabalho, os operários andavam às turras com os marchantes do mercado que lhes roubava o peso, com suas balanças adulteradas. Jonas Reginaldo também era marchante. Organizou todo o movimento, de tal modo que os operários se reuniram e silenciosamente entraram no mercado retirando todos os gêneros. E por mais que as elites contestassem a atuação, a situação era de muita gravidade.

O partido chegou a contar com 300 militantes, fora os simpatizantes e pessoas próximas. O Comitê Regional se localizava em Natal e de lá chegavam os documentos e circulares, e as orientações eram distribuídas na reunião do Comitê Municipal que contava com a presença da Direção Municipal mais o Secretário de cada célula, que chegou a formar 12. Aos poucos, a direção passou a destacar militantes para organizar o partido nas cidades próximas como Assu, Macau, Areia Branca. Depois de iniciados e constituídas essas células passavam a se ligar diretamente a Natal, recebendo material e prestando contas do trabalho no Município.

O elemento de contato da Direção Estadual em Natal, com os Comitês

²² SOUZA, Francisco. Entrevista concedida In: FERREIRA, Brasília Carlos. *O sindicato do garrancho*. p. 76

²³ GUERRA, Otto. Entrevista concedida In: FERREIRA, Brasília Carlos. *O sindicato do garrancho*. p. 76

²⁴ Ibid, P. 79

Municipais nos interiores, era Zé Praxedes, um sapateiro, e depois dele, já na década de 40, Luiz Maranhão funcionou como elo de ligação.

A primeira Direção Municipal do Partido era constituído por Jonas Reginaldo da Rocha, Secretário Político, Lauro Reginaldo da Rocha, Secretário da Agitação e propaganda, Francisco João de Oliveira e João Reginaldo da Rocha. Faziam reuniões semanais onde se prestava contas da atuação e se programava novas tarefas.

3 – OS ANOS 30 E A MULHER NA POLÍTICA

3.1 – A Importância de um Partido de Esquerda para o Brasil

A fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922, foi de suma importância para o processo histórico do país e determinante para a luta da classe trabalhadora, já que o partido tinha como objetivo organizar os operários nos diversos sindicatos, ou seja, um partido que buscou representar os interesses do proletariado brasileiro, contra a exploração do país e sua liberdade do jugo imperialista e a luta por uma sociedade, sem opressores e oprimidos. O partido surge a partir de uma orientação política da III Internacional Comunista, “órgão de luta comum no movimento comunista e assim os interesses de cada país deveriam subordinar-se aos da revolução mundial”.²⁵ O Partido sofria influência da Revolução Russa de 1917, que derrubou a monarquia czarista, e transformou-se em revolução socialista, se contrapondo ao capitalismo.

Sobre esse assunto, Moreno aborda o surgimento de um partido de esquerda que visa “organizar a luta das massas”, (não de vanguarda); definir os interesses de “toda classe operária; não de alguns grupos”. “o papel do partido é iniciar essas mobilizações e acompanhar e dirigir o movimento de massas”.²⁶

Portanto, o partido deve levantar bandeiras de lutas que mobilizem as massas contra os exploradores, partindo das necessidades e consciência imediatas das massas e aumentando tais reivindicações, à medida que a própria mobilização eleve a consciência das mesmas, e as faça criar novas necessidades até culminar na palavra de ordem e na luta pela tomada do poder.²⁷ Por isso a construção de cada partido é parte da construção do partido mundial da revolução socialista”.²⁸

Na década de 30, no Brasil, pela primeira vez o proletariado vê a possibilidade de sua intervenção direta no pleito a travar-se e no qual apresenta um programa de reivindicação ditadas por seus interesses e as aspirações da classe trabalhadora, ou seja, o PCB propunha a líderes e organizações políticas “a formação de uma frente única proletária na campanha eleitoral”²⁹ para as eleições parlamentares; na sua carta programa o partido defendia o voto secreto e obrigatório e extensivo às mulheres”.³⁰

²⁵ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: Sonho e Realidade*, 1992, P. 32

²⁵ MORENO, Nahuel. *O partido e a Revolução*. Ed. Desafios – 1996, P. 231

²⁷ Ibid, P. 274

²⁸ Ibid, P. 275

²⁹ PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio Histórico e Político*, 1979, P. 114

³⁰ Ibid, P. 121

A partir daí percebe-se a influência do partido na vida política brasileira, exercendo pressão sobre as classes dominantes, pois naquele período vivia-se uma democracia limitada, mascarada na figura de um governo contraditório, implementando ora uma política populista ora uma ditadura.

Para Lênin³¹ os operários não podiam ter ainda a consciência social-democrática. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pela própria força, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, a convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões e exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários; para isso, o partido deve conduzir a luta em três direções – a teórica-política, e econômica-prática.

O partido tem como prioridades: definir as tarefas, a habilidade de organização, a estruturação do partido, conta com a luta cotidiana dos operários, as manifestações e a atividade essencial do Partido deve consistir em um trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de explosões mais violentas como de calma absoluta, isto é, deve consistir em um trabalho de agitação política unificada, dirigir-se às massas em geral. Para isso o partido contava com o jornal, a imprensa para denunciar o regime político, exercendo forte pressão moral.

O partido não deve junto ao operariado se preocupar apenas com a questão econômica, mas lutar por melhores condições de trabalho, contra o desemprego, contra a política imposta pelos governantes; o importante de se ter um partido que encaminhe a luta é fundamental para a consciência de classe do proletariado.³²

O papel do Movimento Insurrecional de 1935, quando durante esse período, a onda de greves, a extinção da guarda civil e a tomada do poder pelo povo, foi resultado da luta política pelo partido. Esse movimento não foi considerado um movimento de massa para a historiografia brasileira. Como se pode observar:

O papel do partido é mostrar as arbitrariedades cometidas pela classe burguesa e conduzir os operários a luta econômica, explicar as injustiças das leis e disposições que entravam a liberdade de greve, ajudar a conduzir a luta econômica contra os patrões e o governo.³³

³¹ LÊNIN. *O que fazer?*. p. 24

³² Idem p. 24

³³ Idem P. 63

3.2 - A Importância da Participação Política da Mulher na Constituição de 1934

Por muitos anos, as mulheres estiveram ausentes da historiografia brasileira. Como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país, e no próprio processo de democratização política e de mentalidades. Pouco se sabe da trajetória política no movimento pelos direitos da mulher no Brasil do século XIX. Afinal, de acordo com a visão tradicional burguesa, as mulheres no Brasil ainda sofriam séculos de opressão e obscuridade. “Como, então, puderam algumas brasileiras ter promovido discussões e empreendido atividades feministas similares às de feministas mais conhecidas dos Estados Unidos e da Inglaterra”.³⁴

Segundo Hahner³⁵ o feminismo abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu *status* social, político ou econômico. Diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade.

No Brasil do início do século XX, como nos Estados Unidos, o movimento pelos direitos da mulher coincidiu em parte com o movimento sufragista, um aspecto específico do que deveria ser visto como uma luta mais ampla.

As primeiras lutas feministas da era burguesa foram por direitos democráticos, como o divórcio e o direito de receber uma educação completa, nos primórdios da revolução burguesa. A primeira grande participação das mulheres em uma luta da classe operária foi na Revolução Francesa em 1789, quando elas combateram ao lado dos homens e também se agruparam em clubes e sociedades populares, dando um grande salto em sua emancipação, já que naquela época a mulher era proibida de filiar-se a qualquer entidade sindical ou política.

“A francesa Olympe de Gouges foi uma das dirigentes política que segundo Toledo se destacou nesse período, tendo escrito a Declaração dos Direitos da Mulher e

³⁴ HAHNER, June. A mulher brasileira: Essas lutas sociais e políticas. 1981. P. 24

³⁵ Ibid, P. 25

da Cidadã, em 1791, como replica à Declaração dos Direitos do Homem, no início da Revolução Francesa”.³⁶

Na Inglaterra, Mary Wollstone Crafd (1759 – 1797), considerada uma das precursoras do feminismo contemporâneo, lançou em 1792 a Reivindicação dos Direitos da mulher; obra na qual defendia o direito da mulher à educação, ao trabalho e a vida pública, negada pela sociedade burguesa.³⁷

Mas, sem dúvida, a luta feminina de maior projeção foi a que se travou pelo direito de voto, luta que atravessou séculos. O movimento sufragista do século XIX e início do século XX tinha como objetivo conquistar a reforma das leis sobre o voto.

No Brasil o direito de voto para a mulher só foi conquistado em 1932 durante o governo de Getúlio Vargas. Aliás, nos anos 30, durante esse governo, dá-se início a mudanças nas leis constitucionais, que em parte era um avanço para a sociedade brasileira, e a mulher começa a aparecer. Mas desde os anos 20 as mulheres estavam mobilizadas pelo direito de voto, e num sentido não-restritivo, mas que ampliasse todos os direitos legais da mulher. A sua conquista em vários países da Europa após a I Guerra Mundial lhes dava ânimo.

A formação do Estado Nacional não se inicia no governo Vargas, as leis já existiam e a cada transição de governo as mesmas eram reformuladas, muitas vezes apresentando avanço para a minoria que sempre esteve à margem do processo histórico como as mulheres, os negros, os analfabetos. Às vezes apresentavam recuos. As leis iam sendo modificadas de acordo com os interesses de cada governante. O pensamento liberal tinha como bandeira de luta a igualdade, a liberdade e a defesa do sufrágio feminino. No entanto, se restringia aos interesses dos grandes proprietários de terras.

Por sua vez, o papel da burguesia, que estava ascendendo socialmente, na luta pelo sufrágio feminino era decorrente de todo um interesse político, econômico e social. Durante esse período percebe-se que o número de mulheres aptas a votar era equivalente ao número de homens. Existia portanto um interesse dessa classe pelo sufrágio feminino, não esquecendo que já existia, também, toda uma luta das mulheres por igualdade.

³⁶ TOLEDO, Cecília. *Mulheres: O gênero nos une a classe nos divide*. 2001. P.75

³⁷ *Ibid*, P. 76

Segundo Toledo³⁸, as mulheres pertencentes a classe média, como médicas, advogadas e engenheiros, constituíam boa parte da liderança do movimento sufragista que também contou com a participação de funcionárias públicas e professoras. A grande líder do movimento sufragista foi Bertha Lutz, uma bióloga que retornava recentemente ao Brasil graduada pela *Sorbonne*³⁹. Esse caráter de direção fez com que o movimento procurasse restringir-se a uma luta no parlamento. As sufragistas concentraram-se na assembléia, onde jamais alguns projetos de lei pelo voto feminino chegou a ir além da primeira leitura⁴⁰. Bertha Lutz argumentava que o *status* biológico da mulher, não deveria ter nenhum efeito sobre sua capacidade em ações de caráter político, também aceitavam sem questionar – exatamente como faziam os partidários masculinos do sufrágio feminino – a definição básica da esfera de interesses da mulher como girando em torno do lar, da família e de assuntos relativos à educação, à saúde, e ao bem estar⁴¹.

Em 24 de fevereiro de 1932, o Brasil tornou-se o quarto país no hemisfério ocidental a conceder o voto às mulheres, seguindo do Canadá, Estados Unidos e Equador. Foi um movimento democrático importante e a primeira luta com caráter internacionalista das mulheres.⁴²

No entanto, somente com a constituição de 1934 (art. 109) “O alistamento e voto são obrigatórios para homens e para as mulheres, quando estas exerçam funções públicas remuneradas, sob as sanções e salvas as excessões para a lei determinar”⁴³ (*Sic*).

Na mesma constituição o artigo abaixo relata que:

‘Art. 113, § 1º: “Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções por motivo de nascimento, sexo, raça, profissões próprias ou do país, classe social, riqueza, crenças religiosas, ou idéias políticas”.’

Observa-se que pela primeira vez, em 1934 o constituinte brasileiro demonstra sua preocupação pela situação jurídica da mulher, proibindo expressamente quaisquer privilégios ou distinções por motivos de sexo. Apesar desta conquista as mulheres permaneceram ainda à margem da sociedade e os seus direitos sendo esquecidos e

³⁸ TOLEDO, Cecília. Op. Cit. P. 79

³⁹ Ibid, P. 80

⁴⁰ HAHNER, June. Op. Cit. P. 113

⁴¹ Ibid, P. 114

⁴² TOLEDO, Cecília. Op. Cit. P. 79

⁴³ PIMENTEL, Sílvia. *A mulher e a Constituinte*. 1987. P. 24

p. 29 ?

Sexo x sexo ou classe x classe ?

4 – A MULHER NO MOVIMENTO INSURREICIONAL DE 1935 NO RIO GRANDE DO NORTE

4.1 – A Participação da Mulher na União Feminina do Brasil (UFB)

A partir da pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado e a coleta das fichas documentais, do Processos Criminais do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, obtivemos conhecimentos da participação das mulheres na Insurreição Comunista de 1935, e que Segundo os levantamentos documentais, a maioria das mulheres militava na União Feminina do Brasil (UFB), órgão ligado ao Partido Comunista do Brasil e beneficiado pelo Socorro Vermelho Internacional⁴⁶ e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), ambos considerados movimentos de massas, que defendiam a derrubada do governo e a instalação de um governo democrático e popular.

A União Feminina do Brasil, movimento auxiliar feminino que endossava o programa da Aliança Nacional Libertadora e pelo Socorro Vermelho Internacional, ligado a Internacional Comunista, em Natal se organizou de forma clandestina e passou a receber recursos financeiros do Comitê Central. Na verdade, os dados sobre essa organização são bastante escassos, sendo citada apenas em documentos do Tribunal de Segurança Nacional:

A União Feminina do Brasil, ocupava-se de assuntos de interesse direto das filiadas e termos gerais relativos a emancipação da mulher, e criticava o papel secundário da mulher na sociedade brasileira, por isso era combatida violentamente pelos políticos conservadores, que atacavam as mulheres e as agrediam, criticando-as como pessoas de comportamento imoral e espalhafatoso⁴⁷

Observamos que essas mulheres lutavam pela emancipação política e social, buscando a equidade de gênero, ou seja, homens e mulheres com direitos iguais perante a lei. O objetivo dessas mulheres era tornar visível a luta das mesmas, sair da esfera privada e entrar na esfera pública. No entanto, os jornais da referida cidade (“A República” e “A Ordem”) de visão conservadora e anticomunista declaravam que:

A União Feminina do Brasil, constituída sob a forma de Sociedade Civil, tem exercido atividade subversiva da ordem Política e Social.⁴⁸ O governo via na UFB uma ameaça a sociedade, levando-o a criar um decreto

⁴⁶ ROCHA, Lauro Reginaldo: *Bangu – Memórias de um Militante. (Org.) de Brasília Carlos Ferreira.* p48

⁴⁷ LEVINE, Robert. Op. Cit. p:117.

⁴⁸ A REPÚBLICA, 30 de julho de 1935.



de nº 243 de 19 de julho de 1935, no qual ordena o fechamento em todo o Território Nacional do núcleos da UFB, segundo o art. 29 da lei nº 38 de 4 de abril do corrente ano, cancelando o registro civil da mesma.

O capitão Fellinto Müller, responde a corte de apelação, sobre o fechamento da UFB declarando “que essa medida do governo se baseou no fato de haver a mesma associação aderido a Aliança Nacional Libertadora”⁴⁹

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, na época Getúlio Vargas, considerou que a União Feminina do Brasil, constituída sob a forma de Sociedade Civil vinha exercendo atividade subversiva da ordem política e social, decretando que:

Art. 1 – Serão fechados, por seis meses, os núcleos, sedes, ou escritórios da União Feminina do Brasil em todo o território nacional, nos termos do artigo 29 da lei nº 38 de 4 de abril do corrente ano.

Art. 2 – O ministro da justiça e negócios interiores baixará instruções no sentido de ser promovido, sem demora, o cancelamento do registro civil da mesma sociedade.

Art. 3 – O presente decreto entrará em vigor na data da sua publicação e seu texto será transmitido aos governadores ou interventores, nos estados, por via telegráfica. (Sic) (Vicente Ráo – Ministro da Justiça)

O jornal “A Ordem”, de orientação católica e anticomunista, combatia violentamente o movimento, como se pode ver em uma de suas manchetes, intitulada “Feminismo mal orientado”.

Numa de nossas últimas edições, estampámos o decreto do governo federal mandando fechar, por seis meses, todas as sedes da “União Feminina do Brasil”; Sucursal da Aliança Nacional Libertadora, sabidamente comunista.⁵⁰

Segundo o jornal “A Ordem”, em matéria publicada ainda no mesmo dia do citado jornal, percebe-se o quanto esse jornal criticava a participação da mulher na vida pública; observa-se os comentários nos jornais sobre a repercussão do movimento:

Mas há o exagero. Há o mau feminismo, o da mulher que esquece suas grandes qualidades próprias e que ser homem, julgando-se a eterna escrava do lar, quando na realidade é e deve ser a rainha, na concepção christã.

E esta lucta inglória por falsos direitos, que antes constituem servidões estava no programa da UFB, carregado ainda por cima, pelas tonalidades rubras da “aliança” dos communistas⁵¹

⁴⁹ Idem Ibid.

⁵⁰ A ORDEM, 27 de julho de 1935.

⁵¹ Idem Ibid.

Torna-se evidente que os jornais “A República” e “A Ordem” de modo similar jogaram-se numa campanha anticomunista, em função da força política da época, que defendia cada qual os seus interesses, tendo como objetivo desarticular as ações dos militantes, que como tais eram vistos como subversivos. Os jornais eram dirigidos e perpassavam uma visão única dos acontecimentos.

Para Halbwachs *apud* FERREIRA “a reconstituição da memória coletiva é um elemento fundamental para a vida social, tanto para a sua permanência e continuidade quanto para a sua transformação. Nesse sentido, o que a memória realiza é a reinvenção de um passado em comum, o qual fornece os elementos fundamentais para que os homens interpretem o presente, o modifiquem ou o preservem e projetem o futuro”.⁵²

4.2 – O Papel da Mulher na Insurreição

Antes da Insurreição Comunista de 1935 podemos observar a luta das mulheres em associações.

A Composição Social do Partido era majoritariamente operária. Participavam trabalhadores de diversas categorias, sendo os operários da salina os mais numerosos.⁵³

Além de aglutinar os trabalhadores em sindicatos, o PCB também foi responsável pela fundação da “*Associação das trabalhadoras de Mossoró, que não tinha caráter sindical e visava congregar as mulheres das classes populares. Participavam operários das fábricas de redes, empregadas domésticas, engomadeiras e donas de casa. Dessa forma o partido conseguiu atingir as mulheres, filhas e irmãs de grande parte do operariado mossoroense*”.⁵⁴

Segundo Ferreira,⁵⁵ essa associação foi fundada por Polícárpia e obrigava as mulheres a serem filiadas ao partido, já que as mulheres com grande capacidade de liderança, organizou as mulheres donas-de-casa e empregadas domésticas, chegando a reunir mais de 11 mulheres. Através da Associação elas participavam do Partido.

Quando um operário ia preso, elas organizavam passeatas até o presídio e pressionava por sua libertação. Também passavam informações para operários presos,

⁵² FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. *Mulheres, Militância e Memória*. P. 73

⁵³ Idem

⁵⁴ Ibid, P. 80

⁵⁵ Ibid, P. 37

faziam atos de protestos contra a carestia. Sua diretoria era constituída por Policárpia, Odete Maria do Nascimento, companheira de Joel Paulista e Francisca Clara de Souza, companheira de Francisco Guilherme. Formavam comissões para pressionar o Prefeito por suas reivindicações, pressionar o delegado para soltar operários presos, tendo importante papel das articulações, principalmente nos períodos de greves, e em defesa de seus direitos. Observa-se que a participação da mulher tem mostrado uma relação dúbia, de um lado protagonista da história e do outro coadjuvante de esposa; novamente a mulher é chamada a atenção não como papel de militante, mas como mulher.

Segundo Ferreira,⁵⁶ o papel das empregadas domésticas para o movimento foi importante já que as mesmas trabalhavam nas casas da burguesia, e tinham acesso a informações contribuindo para o crescimento do PCB.

A participação feminina nos movimentos não se refletiu nos cargos de direção, mesmo nas direções dos partidos políticos que historicamente pleiteiam direitos para as mulheres.

Segundo o depoimento dos militantes do PCB, “o partido estava na ilegalidade, perseguidos a todo custo, o único instrumento legal que existia eram os sindicatos. A palavra de ordem do partido era todos os comunistas atuarem nos sindicatos”.⁵⁷

O comitê regional funcionava praticamente na casa de João Galvão Filho, natural de Mossoró, que era Secretário do Colégio Estadual do Atheneu em Natal. Além de sua casa, o partido também se reunia debaixo dos postes de iluminação pública.⁵⁸

‘As decisões tomadas pelo comitê regional eram passadas para os “*grupos dos postes*” que, por sua vez deveriam transmiti-las para outras células, essas reuniões aconteciam sempre tarde da noite, nelas compareciam com freqüência o sapateiro e membro da direção regional José Praxedes de Andrade’.⁵⁹ Outro lugar era a casa do motorista Epifânio Guilhermino. “*Até as reuniões eram realizadas de oito em oito dias, para tomarem conhecimento das correspondências providentes do Rio de Janeiro*”⁶⁰, e seus freqüentadores eram João Maranhão conhecido como José Pretinho, Francisco Moreira e José Praxedes. Havia reuniões ainda nas sedes da União dos Estivadores. Segundo o Procurador da República, foi nesses lugares que a trama

⁵⁶ Ibid, p. 80

⁵⁷ Ibid, p. 37

⁵⁸ COSTA, Homero. *A insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia*. 1995, p. 64

⁵⁹ Idem Ibid.

⁶⁰ Ibid, P. 33

revolucionária foi realizada.

O Partido Comunista vai ter um papel fundamental na organização de diversos sindicatos, principalmente na região Oeste do Estado (Mossoró e Areia Branca). Em Natal, no ano de 1935, além da direção de sindicatos como os de sapateiros, funcionários públicos, motoristas e estivadores, organizava aos poucos núcleos da ANL de abril a julho e inicia um trabalho de organização dentro do quartel do 21º BC, congregando fundamentalmente cabos e sargentos. Esse é um aspecto importante para compreender a insurreição em Natal, porque terá início no quartel e sob a direção de militantes comunistas que lá atuavam, inclusive a participação efetiva das mulheres. Em linhas gerais as mulheres desempenharam papel fundamental no Movimento Insurrecional de 1935 em Natal. De acordo com a pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado, 33 mulheres foram indiciadas pelo DOPS. Dessas, 3 faziam parte do movimento em nível nacional: Maria Prestes (Olga Benário), Maria Bergner Villar (Elvira Fuentes Poblete), e Katarina Shissler, todas expulsas do território nacional. A análise feita nos processos criminais ^{em nível local} retrata o perfil social das implicadas, a maioria das mulheres era de classe média ou pobre, de cor morena, jovens, sem profissão definida, alfabetizadas, quase todas moradoras do bairro das Rocas. Hoje em dia já não se encontra mais nenhum resquício dessas mulheres no referido bairro.

É pertinente dizer que as fichas documentais do DOPS denota o descaso com a verdadeira identidade das mulheres, uma vez que se encontram preenchidas de forma incompleta, dificultando qualquer pesquisa que seja.

Face ao exposto, os documentos demonstram a força das mulheres no movimento e a atuação das mesmas como defensoras de uma nova sociedade que atenda às necessidades das mulheres e dos homens.

Segundo consta nos autos, algumas mulheres se vestiram de homens e invadiram o quartel chegando a pegar em armas. Entre elas podemos citar: Amélia Gomes Reginaldo, Leonila Félix, entre outras.

Convém ressaltar que apesar dessas mulheres terem se travestido de homens e invadido o quartel, isso não atesta que elas queriam ser homens, mas incorporar o imaginário da sociedade e transformar-se para a mesma, o submeter-se a vestir impõe e valoriza a imagem do masculino. Entretanto, isso não aconteceu somente com as mulheres, os homens que aderiram ao movimento fardaram-se para mostrar autoridade

de polícia. Há de convir que as mulheres participantes da Insurreição não foram as primeiras. Na história mundial outras figuras femininas também se vestiram de homens – Joana D’arc.

De acordo com os documentos analisados a maioria das mulheres tinha filiação na União Feminina do Brasil, tendo entrado por orientação de Amélia Gomes Reginaldo a qual desempenhou papel de grande relevância sendo a única condenada. Quanto às demais, que tiveram destaque e saíram ilesas do processo, cabe frisar a participação de Leonila Félix. Em seu depoimento a mesma afirma ter tomado parte ativa no movimento subversivo de 1935 prestando serviços ao quartel do 21 B.C., onde vestiu farda, o que consta nas folhas 104 e 199, tendo ainda ido acompanhada do seu marido Epifânio Guilhermino e do sapateiro Jailme de Brito, todos fardados e armados, na tentativa de afastar daquele quartel, onde se achava recolhido a um xadrez o Dr. João Medeiros Filho, então chefe de polícia. Tomou parte ainda num saque de peças de fazenda para encadernações existentes na sessão de acusado da Imprensa Oficial, conforme depoimentos das folhas 177 e 178.

A pesar de Leonila Félix e todas as outras acusadas terem confirmado a sua participação no Movimento Insurrecional, a mesma foi absolvida por deficiência das acusações que foram feitas contra ela no processo.

De modo similar temos a figura de Luzia Gomes dos Santos, esposa do comunista e professor Raymundo Reginaldo da Rocha, que na sua residência ocorriam as reuniões da UFB.

Com base nos depoimentos prestados ao DOPS é lícito supor que quase todas as mulheres estavam ligadas por laços de parentesco aos principais líderes da Insurreição Comunista de 1935. A exemplo disso têm-se a esposa e a irmã do sapateiro Praxedes, Virgínia Praxedes e Pretinha; a filha de Lauro Reginaldo, Alice Teixeira; a amante do comunista Lauro Cortez, Wanda Galvão; e tantas outras.

Observa-se que a participação da mulher tem mostrado uma relação dúbia, de um lado protagonista da história e do outro coadjuvante de esposa, filha, amante, etc.

4.3 – A Participação de Amélia Gomes Reginaldo

Amélia Gomes Reginaldo, conhecida por Clotilde, era filha de Luzia Gomes dos Santos e Raymundo Reginaldo da Rocha. Filiada à União Feminina do Brasil, onde era

responsável pelas finanças, atuava também como secretária do Comitê Popular Revolucionário, criado no dia 24 de novembro de 1935, uma espécie de Junta Governativa.

Segundo consta nos autos, Amélia Gomes Reginaldo invadiu o quartel 21 B.C. armada e passou a comandar o movimento junto com os insurretos. De todas as mulheres que participaram do feito foi a única condenada, recebendo uma pena de 5 anos de reclusão. Sua prisão foi decretada pelo juiz federal na secção deste Estado, em 4 de setembro de 1936, conforme ofício nº 52, de 6 do referido mês. No entanto, não chegou a ser presa, pois tornou-se fugitiva da justiça.

De todas as fichas documentais do Estado, não se encontra no Arquivo Público do Rio Grande do Norte nenhuma com os dados pessoais de Amélia Reginaldo, já que a mesma havia fugido após o fim do movimento. As informações obtidas a respeito da mesma foram coletadas através dos depoimentos nos processos de outros implicados e da historiografia que trata do tema de maneira bastante superficial e sem dar ênfase à questão das mulheres. Presume-se, dessa maneira, que os dados estão incompletos, mas que não chegaram a inviabilizar o andamento da pesquisa.

Com base na denúncia apresentada pelo Dr. Carlos Gomes de Freitas, procurador criminal da República no RN, constatou-se que Amélia Reginaldo era:

Amélia Reginaldo, fiel à doutrina abraçada por elle, distribuía intensa actividade extremista, entre a correspondencia do Comitê Popular Revolucionário – como dactilographia na villa Cincinato – e o manejo pesado das armas, no quartel do 21 B.C., onde teve como companheira de armas, no meio da soldadesca, a Leonila Félix (mulher de Epiphanio Guilherme), 118, Chica da Gaveta, 119, e Chica Pinote, todas fardadas e armadas, como se vê de fls. 170 v, 201, 13 v. e 8. Verso.

Robert Levine,⁶¹ fala em seu livro sobre Amélia e se refere à mesma como a filha de um figurão da ANL do Estado:

A filha de um figurão da ANL do Estado, ostensivamente inocente de qualquer cumplicidade nos acontecimentos de novembro, embora ativo em organização de frente popular, escrevia a mãe em 3 de janeiro.⁶²

Através da fala do autor, percebe-se um desprezo ao referir-se a Amélia, quando a coloca como inocente nos acontecimentos de novembro de 1935, ou seja, mostra a figura da mulher à sombra do homem, não dá nenhuma importância a participação da

⁶¹ LEVINE, Robert. Op. Cit. P.170

⁶² Idem Ibid

mulher militante na vida pública, deixando fora do contexto histórico.

Através da carta que Amélia Reginaldo escreve a sua mãe a 3 de janeiro de 1936, a mesma relata a sua fuga, para não ser presa e torturada, juntamente com seu pai Raymundo Reginaldo, na qual conta todo o seu sofrimento e o medo de ser pega pela polícia repressiva do governo de Rafael Fernandes. Em seguida fala da separação dela com o pai.

Na carta que Amélia Reginaldo escreve ao seu tio Lauro e a sua tia Luzia, relata sua participação no movimento de 1935 e a vida conturbada que estava sendo obrigada a ter após o movimento, percebe-se a força dessas duas mulheres que romperam com os dogmas impostos por essa sociedade patriarcal. Segundo a entrevista concedida à professora do departamento de Ciências Sociais, Brasília Carlos, por seu tio Lauro Reginaldo, o tempo em que Amélia esteve ao lado dos rebeldes, mostrava-se atuante e à frente do movimento ao lado de seu pai, contribuindo para a única edição do jornal "A Liberdade", com apenas 16 anos de idade.⁶³

Em linhas gerais o trecho abaixo demonstra a importância do movimento de 1935 e a luta de Amélia Reginaldo:

Muita gente se admira com a tomada do poder em Natal, não foi difícil quanto se esperava. Na realidade, o povo apoiou a revolução e quem não apoiou, também não ficou contra, estava no auge, aumentado pelas secas recentes, pelo desemprego, pelas dificuldades da vida.⁶⁴

Após o estudo realizado no que se refere ao assunto podemos concluir que a presença feminina na vida política, econômica e social da época desmistifica a visão da mulher enquanto inferior e submissa. Segundo Louro, "essa segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas teve como consequência sua ampla invisibilidade como sujeito".⁶⁵

⁶³ FERREIRA, Brasília Carlos. Op. Cit. P. 111

⁶⁴ Idem Ibid

CONCLUSÃO

O Levante Comunista em 1935, ocorreu no 21º Batalhão de Caçadores de Natal, fora planejado e executado pelo Partido Comunista do Brasil, como uma resposta ao fechamento, em julho de 1935 da Aliança Nacional Libertadora (ANL) pelo presidente Getúlio Vargas.

A reconstituição histórica desse movimento é extremamente difícil, dada a ausência de documentos e a quase inexistência de militantes da época em condições físicas de rememorar os fatos.

Os fatores que contribuíram para que ocorresse esse movimento em Natal estão associados à política norte-riograndense da época, em especial à insatisfação nos meios militares provocada pelo desengajamento dos praças e pela extinção da Guarda Civil, bem como às disputas por políticas eleitorais entre as duas facções em que estava dividida a política estadual depois de 1930.

As várias interpretações a respeito do movimento ocorrido na década de 30, de maneira geral, afirmam que a rebelião de Natal foi fruto da articulação sindicalista promovida pelo PCB e a ANL, ambas responsáveis pelo crescimento do movimento operário do Brasil e do Rio Grande do Norte. A Insurreição Comunista em 1935, foi fruto do amadurecimento político dos militantes do Partido Comunista do Brasil. Apesar da maioria dos autores defender que o movimento é decorrente da insatisfação dos militares, não podemos negar a importância do partido e sua atuação nos sindicatos, por exemplo na luta por uma sociedade sem oprimidos e opressores.

Nessa conjuntura de turbulência política a força da mulher potiguar vem à tona e demonstra certo rompimento com valores desgastados que já não representavam a realidade do momento. A luta das mulheres não está de fora desse contexto histórico já que sua participação nos movimentos sociais é de suma importância para mostrar o quanto a participação dessas mulheres foi decisiva para a classe trabalhadora. Os relatos, depoimentos e os documentos nos revelam o desempenho que as mesmas tiveram nos movimentos populares, desmitificando o que ao longo dos anos atribuía-se às mulheres, pessoas submissas e com função meramente social e sempre à margem

⁶⁵ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. P. 17

desses movimentos.

O ato de coragem das mulheres participantes da Insurreição Comunista de 1935 irrompeu como um grito de quem reivindicava o seu devido lugar dentro da sociedade, inserindo-se na luta de forma mais abrangente, dando início a um processo de conquistas subsequentes.

No caso da Insurreição encontramos um conjunto de fatores que levaram a eclosão do movimento. Se por um lado algumas mulheres temiam ser expostas às suas vontades, por outro lado encontramos a família de Amélia Reginaldo, uma mulher que estava à frente de sua época, não se conformando com a situação que a sociedade lhe quis impor.

Assim sendo, essa pesquisa mostrou fundamentalmente como as mulheres eram vistas pela sociedade, e principalmente como a imprensa e a historiografia brasileira retratavam as mesmas na participação dos movimentos sociais da época.

Para concluir, esperamos estar contribuindo no desenvolvimento do papel da mulher enquanto pessoa ativa observando que esta nunca se deixou ficar no papel que outros para si deliberaram. A mulher tem demonstrado, ao longo do tempo, uma relação dúbia, de um lado protagonista da história e do outro coadjuvante de esposa, filha, amante, etc.



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Ricardo. Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil. Um estudo sobre a consciência de classes da revolução de 30 até a ANL. Ed. Cortez, 1988.

CARRION, Raul K. M. *Revista Princípios*. Nº 61, 2001.

CHILCOTE, Ronaldo H. O Partido Comunista Brasileiro: Conflito e integração (1922-1972). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

COSTA, Homero. A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia. São Paulo: Ensaio, 1995.

FERREIRA, Brasília Carlos (org.). Lauro Reginaldo da Rocha – BANGU: Memórias de um militante. Natal. Edufrn, 1989. Coleção Humanas Letras.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. *Mulheres, militância e memória: histórias de vida, histórias de sobrevivência*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850-1937*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

LÊNIN, V. I. *Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. São Paulo: Hucitec, 1988.

LEVINE, Robert. O regime de Vargas: Os anos críticos, 1934-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva por estruturalista*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

MORAES, Denis & VIANA, Francisco. Prestes, lutas e autocríticas. Petrópolis: Vozes, 1982.

MORENO, Nahuel. *O partido e a Revolução*. São Paulo: editora desafios, 1996

OLIVEIRA, Fº Moacyr de. Praxedes, um operário no poder: A Insurreição Comunista de 1935 vista por dentro. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

PEREIRA, Astrojildo: Ensaio históricos e políticos (apres.). Heitor Ferreira Lima, Editora: Alfa-Omega. São Paulo, 1979.

PIMENTEL, Sílvia. *A mulher e a Constituinte: Uma contribuição ao debate*. São Paulo: Cortez: educ, 1987.

RODRIGUES, João Batista Cascudo. *A mulher brasileira: Direitos políticos e civis*. Brasília (DF): Ed. Brasília, 1993.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: O gênero nos une, a classe nos divide.* São Paulo: Ed. Xamã, 2001.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: Sonho e Realidade.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

VINHAS, Moisés. *O Partidão – A luta por um partido de massas - 1922-1974.* São Paulo: Hucitec, 1982.

FONTES

Fontes Primárias

- a) Livros de memórias de protagonistas dos fatos, publicados em forma de entrevistas ou de autobiografias, pertencentes ao acervo de bibliotecas públicas ou particulares.
- b) Relatórios oficiais do Arquivo Público do Rio Grande do Norte:
- c) Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte:
- d) Jornais locais da época, em especial "*A República*", "*A Ordem*".
- e) Tribunal de Segurança Nacional, Rio de Janeiro – Imprensa Nacional – 1937

Fontes Secundárias

- a) Artigos de revistas teóricas e de informação.

FONTES

Fontes Primárias

- a) Livros de memórias de protagonistas dos fatos, publicados em forma de entrevistas ou de autobiografias, pertencentes ao acervo de bibliotecas públicas ou particulares.
- b) Relatórios oficiais do Arquivo Público do Rio Grande do Norte:
- c) Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte:
- d) Jornais locais da época, em especial "*A República*", "*A Ordem*".
- e) Tribunal de Segurança Nacional, Rio de Janeiro – Imprensa Nacional – 1937

Fontes Secundárias

- a) Artigos de revistas teóricas e de informação.

ANEXOS

**RELAÇÃO DAS MULHERES QUE PARTICIPARAM DO MOVIMENTO
COMUNISTA DE 1935**

1. Amélia Gomes Reginaldo
2. Alice Teixeira
3. Angélica Barbosa Ferreira
4. Ester de Assis
5. Francisca Alves de Souza
6. Iracema Pinheiro de Amorim
7. Joana Aguiar de Castro
8. Celina de Moura Rabelo
9. Margarida Ribeiro
10. Maria da Cruz Pereira
11. Maria da Glória dos Santos
12. Maria José da Paz
13. Maria Meirelles
14. Maria da Cruz Nunes
15. Maria Nazaré Nunes
16. Maria de Oliveira
17. Maria Otilia dos Santos
18. Maria Mendes
19. Marieta Bezerra Alves Feitosa
20. Raimunda Pires
21. Suzana de Tal
22. Wanda Galvão
23. Maria do Carmo da Silva
24. Virgínia Pereira de Andrade
25. Vitalina Alice
26. Maria das Neves Moura
27. Leonila Félix
28. Luiza Laurentino
29. Luzia Gomes dos Santos
30. Luzia Nascimento
31. Katarina Shissler
32. Maria Prestes (Olga Benário)
33. Maria Bergner Villar (Elvira Fuentes Poblete)

Copia. Justiça Especial. Tribunal de Segurança Nacional. Secretaria. 6323. Rio de Janeiro, D.F. Em 3 de novembro de 1943.

Exmo. Sr. Chefe de Polícia do Estado do Rio Grande do Norte.

Remeto a V.Excia., para os devidos fins, o incluso alvará de soltura, expedido em favôr da ré AMELIA REGINALDO, que já cumpriu a pena de 5 anos de reclusão, que lhe foi imposta na apelação n. 162, do processo n. 2, originario dêsse Estado, por Acórdão de 26 de setembro de 1938, dêste Tribunal, devendo a mesma ser posta em liberdade, se por al não estiver processada. Reitero a V.Excia. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração. O PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL, (a) F. de Barros Barreto. Ministro.-----

Secretaria de Segurança Pública

Conferir com o original

Nº 7 de Novembro de 1943
Augusto Leuzinger de Brito
Secretário

Condenação:

O Tribunal de Seg. Nacional, em sessão de 26 de setembro de 1938, condenou Amélia Gomes Reginaldo, a pena de cinco anos de reclusão, grau mínimo do art. 1º, da lei nº 38, de 1935, conforme ofício nº 1266, de 10 de Outubro do mesmo ano (1938), do Desembargador Presidente daquele Tribunal, ao Dr. Chefe de Polícia, com referência aos implicados no município desta Capital.

(Recorte de Jornal)

362 - JOÃO BATISTA GALVÃO está denunciado como incurso nos arts. 1º e 49, da lei nº 38, com as agravantes do art. 50, da mesma lei.

Prestou declarações a fls. 176. nas quais confessa que foi aclamado.

JOÃO BATISTA GALVÃO

Secretário do Ateneu Norte Rio Grandense, também se verifica a sua atuação como propagandista e Chefe. Comissário da Viação e Polícia, durante os dias do regime comunista, que infelicitou esta Capital. (Testemunhas de fls. 117 e 164, cartas de fls. 157 e 162, bem como auto de perguntas de fls. 91 e depoimento de fls. 185v.).

Confessa a natureza comunista da revolução, que estava sendo promovida pela Aliança Nacional Libertadora.

Denúncia

Denunciado nos arts. 1º e 49 da lei 38 de Seg. Nac., com agts. do art. 50 da mesma lei. Mais o art. 49 §§ 2 e 4 da C.L.P. - máximo.

Prisão Preventiva

Decretada a prisão preventiva, pelo Juiz Federal na sessão deste Estado, em 4 de setembro de 1936, conforme ofício nº 52, de 5 de ~~fev~~ referido mês, daquela autoridade, do Dr. Chefe de Polícia.

Condenação

Condenado pelo Trib. de Seg. Nac. à pena de dez anos de reclusão, grau máximo do art. 1º da lei nº 38 de 1935, parte relativa dos cabeças, conforme mandado de prisão datado de 9 de agosto de 1938, do Dr. Raul Machado, Juiz daquele Tribunal, remetida ao Dr. Chefe de Polícia.

COPIA AUTENTICA

Do Montenegro a
Melia Reginaldo

"João Pessoa, 3 de Janeiro de 1936.

Mamãe.

Escreva
Melia Reginaldo
Mamãe

Aproveitando um portador direto para Natal resolvi escrever-lhe esta dando noticias minhas e de papai.

Depois de permanecermos muitos dias em casa de um camarada de Penha resolvemos sair do Estado com destino ao Sul.

Tomamos o trem e fomos obrigados a saltar a primeira estação porque fomos reconhecidos por investigadores que via-vam no referido trem.

Fizemos então toda travessia a pé até João Pessoa.

Muito temos sofrido principalmente por falta de dinheiro.

Na ocasião da saída de Natal oferecemos dinheiro a papai mas elle recusou aceitar.

Foi uma tolice que cometeu pois tendo elle perdido o emprego e o conforto da familia por amor ao proletariado era natural e logico que do proletariado recebesse alguma recompensa.

Não se sentindo seguro aqui, deixei de acompanhá-lo, ficando em casa de uma familia amiga e embarcou com destino ao Rio de Janeiro.

Por falta de recursos deixei de acompanhá-lo pois a subscrição que os camaradas daqui fizeram deu apenas para passagem dele.

Papai está sempre tranquillo e conformado mas se entristece muito quando lhe apertam as saudades da familia.

Como poderei chegar a companhia da senhora evitando a feroz reacção da policia de Rafael Fernandes que certamente já está sciente do nefando crime, que a seus olhos cometi, acompanhando meu pai e sendo solidaria com elle nos dias de soffrimentos?

Papai não queria de forma alguma separar-se de mim.

Aconselhei-o a ir adiante pois era necessa-

rio que fosse para um logar em que podesse trabalhar livremente e ganhar o sustento.

Aqui ganho o sustento costurando tenho para isto alugado uma machina.

Muitas saudades tem da senhora a sua querida filha.

Amelia Gomes Reginaldo.

Esta conforme a original.

Francisca Galvina

le

lo

en

nt

ra

BC

no prompquaris de
Amelia Gomes.

Declarações prestadas por Manoel Carmo Silva, a 12 de Maio de 1936, em a Delegacia de Ordem Social e Investigações, perante o respectivo Delegado Sr. Amaro Cavalho de Siqueira, com o Escrivão do seu cargo, Orlando Teixeira e as testemunhas Alípio da Silva Barros e João Alves de Moraes.

Ella, declarante diz: que é filia da a União Feminina desde Julho de 1935, época mais ou menos em que passou por esta Capital a cavada da Aliança Nacional Libertadora; que a União Feminina é orgão do Partido Comunista do Brasil e beneficiada pelo Socorro Vermelho Internacional, que ingressou na União Feminina, por proposta de Amelia Gomes, filha do Professor Ramundo Reginaldo, que ella, declara ter fora designada pela presidente da União Feminina, Maria da Gloria Santos, para encarregada de agitação e propaganda; que ella declarou conhece como filiadas e militantes da "União Feminina": Amelia Gomes, que tem o nome de guerra de Clotilde



de e o autorante e cuing (Eleuzes
Oscar d' Oliveira, escritas qui e escrevi
Pedro Bacileiro Justo
Carlos Jones Reginaldo
Eleuzes Oscar d' Oliveira

Outro de pergunta auto a Luiz Gomes
dos Santos, vulgo, Luiz Tautu.

Os trinta dias do mes de Abril do an
no de mil novecentos e trinta e seis, nesta
cidade de Mossoró, em a delegacia de po
licia ainda presente, u achava e multos pri
meiros tenente Pedro Bacileiro Justo, deli
gado de policia neste municipio cuing
escritas de seu cargo a ditante seguinte:
foi visto Luiz Gomes dos Santos, vulgo,
Luiz Tautu, de quem a autoridade lhe fez
as perguntas seguintes: qual e seu
nome, idade, filiação, naturalidade, ma
d civil, profissão, residência e se sabra br
e escrever os que se pedem e chama-se Luiz
Gomes dos Santos, vulgo, Luiz Tautu, com trin
ta e um annos de idade, filho de Manoel
Tautu, natural de São Carlos, do Rio, pa
paleiro, residente a rua Ramo Jacarim, ante
cidade de Mossoró. Perguntado se no
dia nove do corrente registrou no Diacho
de Augios, de este municipio, a responsa
que effectivamente no dia nove do cor
rente não sahio desta cidade pela ma
nhã, em companhia de Carlos Gomes
Reginaldo, com destino a cidade de São José

Clubs de perseguição pelo a Rey
Barbosa a Rey

Os trinta dias de mey de abril de anno
de mil novecentos e trinta e seis meza
cidade de Baurão, na delegacia de policia
outra machosa o subtenente Joaquim, hume
pedro Ceciliao Luctop, delegacia de poli
cia neste municipio cambgo eschivas
de me cargo a diante de quem, com
de pai velho Rey Barbosa de Baurão, a quem
a subtenente. Fez as perseguições segun
do. Qual o seu nome videte, filiação,
naturalidade estado civil, profissão,
residencia e se habia em estado de
prisão chamor se Rey Barbosa de Baurão
seu com vinte e quatro annos de idade,
filho de Manoel Assis natural de
Estado, casado, commercante, residente
em Baurão Vera, sabido, que se encontra
perseguido de anno e meio em a fi
lha de Joaquim de Reginaldo de us
em Aurelia de Reginaldo, residente
quero aia vinte e um de Baurão, estava em
de me ma casa de residencia na ida
de de Baurão Vera, quando alli chega
na por volta dos vinte horas mais ou
menos, de qualis digo, Joaquim de
Reginaldo, por se encontrar em fugida sua
filha de nome Aurelia, pedindo a elle
declarar para occupar a mesma em
ma casa de residencia que machosa
dey eschivada, que elle declarante não satis

ANEXO

Caro tio Lauro,

Depois de tantos anos sem termos oportunidade de qualquer comunicação, é com muita alegria que recebo suas notícias. De minha parte, vou dizendo o que ocorre por aqui e relatando os acontecimentos do passado, tanto quanto permita a minha memória enraquecida pela doença.

Na tarde do dia 23 de novembro de 1935 rebentou a Revolução Libertadora na capital do Rio Grande do Norte. O movimento teve início com o levante do quartel do 21 BC onde os sargentos, cabos e soldados dominaram a situação, num golpe de surpresa.

Enquanto isto, grupos de civis e militares atacavam outros redutos da reação. No ataque ao Esquadrão de Cavalaria houve fraca resistência e as nossas forças conseguiram se apoderar do quartel, depois de rápido tiroteio. Na Detenção, onde havia um destacamento da Polícia Militar, um grupo dirigido por papai conseguiu dominar a situação e libertar todos os presos.

O foco que deu maior trabalho foi o do quartel da Polícia Militar, que já estava reforçada com a presença dos oficiais do 21 BC que para lá se dirigiram, de suas residências. No ataque a esse quartel se concentraram todas as nossas forças militares e civis, já disponíveis por terem dominado os outros focos de resistência. Este combate foi duro e difícil. Começou às 19 ou 20 horas do dia 23 e durou toda a noite. Ao amanhecer do dia 24 parou a resistência. Na cidade de Natal e noutras cidades vizinhas o poder passou para as mãos do povo.

Já na véspera, no dia 23, o governador do Estado, acompanhado do seu secretariado, havia se refugiado, primeiro numa residência particular e depois no Consulado da Itália.

O novo Governo Revolucionário Popular, com o programa da Aliança Nacional Libertadora, foi instalado na Vila Cincinato, antiga residência dos governadores do Estado. Esse novo governo ficou assim constituído: José Praxedes de Andrade (Operário) - Abastecimento; Sargento Quintino Clementino - Defesa; Lauro Cortez Lago - Interior; João Batista Galvão - Viação; José Macedo - Finanças.

A primeira medida da Junta Revolucionária foi a requisição de gêneros alimentícios e sua distribuição entre a população necessitada. Durante três dias essa distribuição de alimentos foi realizada, com muita receptividade e satisfação por parte do povo. Quando alguém, ao receber os alimentos, agradeceu comovido, um companheiro nosso respondeu que não precisava agradecer, pois lhe pertenciam, que estávamos apenas fazendo com que fosse devolvida uma pequeníssima parcela do que foi surrupiado dele.

Outra medida adotada pela Junta Revolucionária foi o lançamento do jornal "A Liberdade", órgão do governo para comunicação e orientação do povo, cabendo a papai a direção da editora. No primeiro e único número de "A Liberdade" foi publicado um manifesto ao povo além de outras proclamações.

A participação de civis, trabalhadores de ambos os sexos, deu grande força à revolução. Papai, embora não tenha sido membro da Junta Revolucionária, foi um dos

líderes do movimento. Epifânio Guilhermino - operário de grande coragem - sua esposa Nilinha e muitos outros revolucionários civis participaram bravamente das ações militares. Eu entrei na festa e procurei fazer o que estava nas minhas forças.

Antes, houve um fato interessante. O governador do Rio Grande do Norte, o doutor Rafael Fernandes, era nosso antigo conterrâneo de Mossoró, e devido a esse velho conhecimento, fez a meu pai em certa ocasião uma insensata proposta. Meu pai deveria abandonar suas idéias comunistas e como recompensa, seria incluído numa chapa eleitoral e seria eleito deputado estadual. Papai embora sentindo-se ofendido com tal proposta, manteve a sua calma e firmeza de sempre e respondeu-lhe que não trocaria suas idéias por todo o ouro do mundo.

Depois disto, o doutor Rafael ordenou a nomeação do professor Raimundo Reginaldo, meu pai, para lecionar na Detenção, julgando assim castigar aquele gesto de altivez e dignidade. O resultado foi que no momento em que explodiu o levante do 21 BC papai libertou todos os presos da Casa de Detenção seus alunos, sem esquecer, evidentemente, o dever de doutriná-los.

Muita gente se admira com a tomada do poder em Natal, não foi tão difícil quanto se esperava. Na realidade, o povo apoiou a revolução e quem não apoiou, também não ficou contra. Acontece que o descontentamento do povo, que é permanente, estava no auge, aumentado pelas secas recentes, pelo desemprego, pelas dificuldades da vida.

Houve ainda outro fator que veio agravar a situação. Uns três dias antes de começar a revolução, a Guarda Civil foi dissolvida. O motivo diziam, era que o governo do Estado não confiava nela, porque ela estava ligada aos partidos políticos da oposição. Era a velha politicagem colocada em primeiro plano, em vez da solução dos problemas sociais e humanos.

Com a tomada do poder o povo matou sua fome, andou de graça nos bondes, pela primeira vez se sentiu em liberdade, fez a sua festa, comemorou o grande feito, inédito na sua história.

Infelizmente durou pouco. A nossa vitória dependia de outros Estados. Em Recife a luta começou. Mas o tempo corria e a decisão favorável não vinha. Havia nuvens negras no ar.

A gente estava preocupada, havia uma expectativa muito grande. Eu e papai não sabíamos exatamente o que estava acontecendo, os planos gerais não chegavam até nós, nem competia a nós conhecê-los. Desta maneira, ficamos na espera dos acontecimentos.

Na quarta feira veio a notícia da derrota da insurreição em Recife. Em seguida as tropas da contra-revolução começaram a marchar contra Natal, ameaçando com o cerco funesto.

Nossas forças de vanguarda que marchavam para o interior foram derrotadas, nos primeiros choques que tiveram com as tropas adversárias mais numerosas e melhor armadas. O Governo Revolucionário achou que a espera do cerco seria desastrosa, um sacrifício inútil e resolveu abandonar as posições. Deu ordem para a retirada.

Aí começou o nosso drama, a fuga difícil e espetacular, para evitar um mal maior, para não cair nas malhas da polícia que sabíamos ser cruel e desumana. Saímos de Natal. Eu, papai e um garoto que morava conosco em Natal, de nome Eucário. Andamos a noite toda até chegar em São José do Mipibu, onde nos arranchamos na casa de um simpatizante do Partido. Fiquei escondida num quarto, na casa dessa

família, durante cinco dias. Papai refugiou-se no mato mas, sempre mantendo a ligação comigo.

Aí chegou uma ordem para que todas as casas suspeitas fossem revistas e eu tive que me refugiar onde papai se encontrava, na mata. Passamos três meses neste escondenjo, nos alimentando de frutas silvestres e dormindo no chão, sob uma árvore, à beira de uma lagoa onde não transitava gente e nem era habitada. Quando a fome apertava, Eucário ia sozinho à cidade mais próxima comprar alimentos.

Passados uns três meses, saímos à procura de outro refúgio onde pudéssemos viver melhor. Voltamos à casa do simpatizante e pedimos ao mesmo que nos comprasse roupas e mantimentos, para seguirmos a nossa jornada. Feita a compra, recomeçamos a marcha à pé até atingir uma cidade cujo nome não me recordo. Tomamos um trem com destino a Recife.

Sentamos em lugares diferentes, distantes um do outro. Depois de algumas horas de viagem papai me fez sinal, fui até onde ele estava. Ele disse: "Há policiais no trem e fomos reconhecidos. Temos que saltar na primeira parada, antes de chegarmos a uma cidade, pois somente aí eles se decidirão a nos prender".

Ficamos prevenidos até que o trem fez uma parada para abastecer de lenha. Quando o trem deu partida, pulamos com o trem em movimento. Os policiais pularam também mas com atraso e isto nos deu distância. Saimos correndo e perseguidos pelos indivíduos, até encontrar um matagal, onde nos escondemos. O Eucário continuava nos acompanhando e sendo útil por ser um garoto e não ser procurado.

Ao amanhecer do dia seguinte resolvemos caminhar. Só que agora andamos de volta, em direção a Natal, para despistar a polícia. Chegando a Natal fomos à residência de um simpatizante, onde fiquei escondida com sua família. Papai juntou-se a uns madeireiros e passou a trabalhar com eles, tirando madeira no mato. Logo comprou uma casa de palha onde passou a morar. Um dia, chegaram os homens da higiene pública, os "mata-mosquito" de combate à malária. Um deles ao entrar na casa, reconheceu papai foi a Natal e voltou com a polícia. Cercaram a casa mas papai sempre alerta, conseguiu fugir, escapando por um triz.

À noite, quando escureceu, ele foi até a casa onde eu estava escondida e informou todo o ocorrido. Aí resolvemos partir novamente, desta vez com destino a Juazeiro, no Ceará. A fuga em direção ao sul, via Recife, onde houve o levante fracassado, mostrou ser impraticável, escapamos de boas. Restava tentarmos o caminho do oeste. Para chegarmos ao Ceará, tínhamos que atravessar todo o Estado do Rio Grande do Norte, passando por Mossoró, por nossa terra natal. Os riscos dessa travessia foram calculados. Tínhamos uma boa base de apoio: a nossa família numerosíssima, o conhecimento do terreno, uma organização partidária e de massas, cujas bases foram lançadas por nossa família. Por outro lado, a reação também estava concentrada lá, os nossos companheiros e amigos deveriam estar passando por grandes apertos. E o fato de que éramos também conhecidos pelos inimigos, era um fator negativo.

Como se vê, havia prós e contras, sobretudo contras. Precisávamos ter muita calma, sangue-frio e astúcia. Muita astúcia. Procuramos nos convencer de que havia em nós pelo menos uma pequena dose de cada uma dessas coisas necessárias. E começamos a caminhada.

O nosso corpo estava em chagas, cheio de feridas produzidas pelos carrapatos, mosquitos e espinhos. Mas continuamos marchando, evitando os lugares povoados, evitando transeuntes, andando e se escondendo, andando e se escondendo, andando e se escondendo.

Um dia chegamos aos arredores de uma cidade onde morava um parente nosso. Esperamos o anoitecer. Quando escureceu papai foi até a residência desse parente, que tinha também uma casa de negócio. Aproximou-se cauteloso, e quando viu que não tinha gente estranha, entrou rápido e pulou o balcão, causando-lhe um grande susto sem querer. A partir daí, passamos a ter o calor de uma assistência e de um apoio como há muito não tínhamos. Partimos para Mossoró. Infelizmente, por um mero acaso, o olho do inimigo funcionou e a polícia ficou sabendo da nossa presença na região. Esses nossos parentes - cujo único crime era ser nossos parentes - foram presos, não escapou sequer a minha velha, boníssima e queridíssima avó madrinha Luzia. A polícia queria que eles indicassem nosso paradeiro, ameaçou-os de espancamento e torturas. Mas ninguém disse nada, ninguém sabia de nada, nós estávamos em lugar seguro.

Com grande peso na consciência por ter causado tanto transtorno aos nossos entes queridos, apressamos nossa partida. Papai disfarçou-se de cego e mendigo e eu de guia com a roupa cheia de enchimento de pano, fingindo mulher grávida. E assim atravessamos a cidade do Mossoró de ponta à ponta, onde somos mais conhecidos do que bolacha.

Conseguimos atravessar a zona perigosa do oeste de nosso Estado. Com o coração apertado, fomos deixando para trás aquela terra e aquela gente muito querida, uma grande tristeza nos mantendo em silêncio, sem coragem de dizer uma só palavra.

Passamos a palmilhar as terras do sertão cearense. Estávamos mais tranqüilos, tínhamos a impressão de que o perigo havia diminuído. Mas a nostalgia continuava, inexplicável, contraditória. Esta nova jornada continuou sem incidentes, até que chegamos a Juazeiro. Fixamos residência na rua Padre Cícero. Tempos depois, papai encontrou casualmente um seu primo, Zacarias Rocha, que morava no Crato.

Papai montou uma bodega e eu fui morar, por uns tempos, na casa desse primo. Papai não suportou a saudade e resolveu voltar a Mossoró para se encontrar com mamãe. Consegui ir e voltar sem incidentes, tomando as necessárias cautelas. Embora tenha tomado essas precauções, a polícia acabou tomando conhecimento de sua passagem por lá. Tempos depois, um advogado amigo de Zacarias veio avisar que tinha chegado uma precatória de Mossoró pedindo a nossa prisão.

Tivemos que "desarranchar" rapidamente e fugir, desta vez na direção do Piauí. Fomos morar numa fazenda do interior desse Estado e aí ficamos conhecendo uma família, gente muito boa e amiga. Foi quando conheci Chiquinho, um rapaz dessa família, com quem me casei depois.

Papai, desde algum tempo, não vinha passando bem de saúde. Sentia uma "agonia no peito, proveniente do coração. Um dia ele começou a conversar comigo a respeito dos filhos que tinha deixado em Natal. No correr dessa conversa ele disse que achava que não ia mais ver os filhos. Eu disse que isto era um desânimo passageiro, logo ele ia pensar diferente.

Depois ele pediu para eu cantar "A Internacional", o hino de sua paixão. O hino relembra as suas lutas passadas, os seus ideais de redenção do povo brasileiro. Notando que ele estava muito comovido, eu não quis cantar. Ele insistiu e eu não pude continuar me esquivando. Comecei a cantar. As lágrimas começaram a cair dos seus olhos. Eu parei de cantar e procurei mais uma vez reanimá-lo.

Passado algum tempo ele começou a passar mal. A agonia de que vinha se queixando, voltou forte, violenta. Fui depressa chamar Chiquinho, que nessa época era meu noivo. Ele veio e achou a situação grave e partiu imediatamente à procura do médico. Eu fiquei aflita, papai não melhorava e eu sem saber o que fazer para tirá-lo

daquela agonia. Quando o médico chegou ainda tentou salvá-lo, aplicando uma injeção. Mas foi tarde. O coração parou para sempre.

A morte não o desfigurou em nada. O seu rosto ficou tranqüilo, numa serenidade incrível, Parecia que estava apenas dormindo. Chiquinho levou o corpo para a casa de seus pais e tomou todas as providências para o enterro. Um mês depois eu e Chiquinho nos casamos.

Aí está, caro tio, num relato sucinto, o que foi a Revolução Libertadora de 1935 em nossa terra, o que foi feito nos 4 dias de governo e o seu desfecho. Tudo ocorreu tão rápido, não houve tempo nem condições sequer para iniciar a execução de outros pontos fundamentais da programa de governo da Aliança Nacional Libertadora.

As reformas agrária, urbana e do ensino, as medidas para libertar nosso país das garras do imperialismo e para acabar com a pobreza e o atraso de nosso povo vão continuar como uma bandeira de luta desfraldada pelo tempo afora, até que sua vitória seja alcançada.

Essa vitória dependerá de nós e de todo o povo. A nossa fé continua. E aqui termino esta, enviando a todos da família o meu forte abraço.

Da sobrinha,

Amélia Nogueira Feitosa (Amélia Reginaldo)

OBS.: Relato da carta de minha sobrinha Amélia Nogueira Feitosa (Amélia Reginaldo) combatente da Revolução de 1935 em Natal.

1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

6° — LEONILA FELIX está denunciada como incurso nos artigos

1° e 49, da Lei n. 338 e 363, da Consolidação das Leis Penais.

Confessa, nas declarações de fls. 189 e 286, que chegaram á sua casa, homens armados, procurando seu marido, avisando-o de que havia muita bala no 21° B. C.; para lá se dirigiu com seu marido, confessando, ainda, que, antes do movimento, se reuniam em sua casa vários individuos, para tomar conhecimento da correspondencia que dizia respeito ao movimento comunista que estava preparado para Fevereiro e que o 21° B. C. se apressou em realizar.

A testemunha de fls. 265-v, entrando na Imprensa Oficial, viu individuos que cita e Leonila Felix, dividindo várias peças de brim e de morim.

Foi vista nas oficinas da Imprensa Oficial pelo co-réu Adalberto de Carvalho, fls. 262, e por Cicero Gomes, fls. 264, o qual acrescenta que, na secção de Obras e Avulsos, foram divididas com várias pessoas entre as quais Leonila Felix, peças de morim.

Em face do que fica exposto, absolvo, por deficiência de provas, Leonila Felix das acusações que lhe são feitas no processo.



Polícia do Estado do Rio Grande do Norte

Gabinete de Identificação e Estatística Criminal

Rio Grande do Norte, 30 de dezembro de 1935

Ao Sr. Delegado da Ordem Social

Attendendo á requisição contida no Offício n.º _____,
datado de _____, da Dezembro corrente _____, envio-vos

a Individual Dactiloscópica de Leonilla Felix, Vulgo "Nilinha"

inclusiva duas photographias em separado conforme requisição

que figura no Registro Geral deste Gabinete, sob numero 179

Saudações

O DIRECTOR

Manoel de Sá

Leconila Felix

Tomou parte ativa no movimento subverso de 35 prestando serviços no Quartel do 21 B.C. ou de vestiu farda conforme depoimento de fls. 104 e 197, tendo ainda acompanhado de seu marido Epifanio Guilherme e Sapateiro Jaime de Brito, tocados e amados, nas tentativas para afastar daquele Quartel, onde se achava recolhido o um. João o Dr. João Medeiros Filho, então Chefe de Policia, e de ser furado. (fls. 105, 106, 170, infpe e 303.) Tomou parte ainda num saque de peças de fazenda para as cadernações existentes na sessão de aulas da Imprensa Oficial, conforme depoimento fls. 177 e 178

— " — Denuncia:

Denunciado no art. 1º e 49 da L. 3854 e agts do art. 39 §§ 1 e 4 da C.L.P. máximo. Mais a L. de 38 art. 356, 358, 39 §§ 4, 13, 14 e 18 e arts. 36 da C.L.P. máximo

— " — Prisão preventiva:

Decretada a prisão preventiva pelo Juizo Federal, na sessão deste Estado, em 4 de Setembro 1936, conforme officio no 52 de 5 do referido mez daquela autoridade endereçado ao Dr. Chefe de Policia

— " — Absolvição:

10 5 11 " 17 1936

Setembro de 1938, confirmou a sentença da acusada Leoni-
mila Felix, conforme Ofício no 1866, de 10 de Outubro do
mesmo ano, do Decub. argador Presidente Raguete Tribunal,
ao Dr. Chefe de Polícia, com referências aos implicados no mu-
nicipio desta Capital.

— 11 —

263
10
Declaração prestada por Maria do Gra
mo Silva contra Neônilda de Oliveira
esposa do conhecido Comunista Epaphro
dito Guilhermino de Oliveira. a 12 de Maio
de 1936, nesta Cidade de Natal, em a De
gacia de Ordem Social e Investigações pe
te o respectivo Delegado Sr. Augusto Carneiro
de Siqueira, o escrivão do seu cargo Orla
do Teixeira e as testemunhas Alípio
da Silva Barros e João Alves de Moraes
disse: que o professor Raimundo Regi
do conhecido no Partido Comunista,
pelo nome de guerra de "Thom", foi
organizador e principal orientador da
"União Feminina" órgão do Partido Commu
nista, designando sua filha Amélia Co
mes para encarregada de finanças e sua
esposa Maria Gomes para encarregada
de Camponezes, que Neônilda de Olivei
ra esposa do Comunista Epaphrodis Gu
lhermino de Oliveira é filiada e militante
da "União Feminina"

REPUBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Gabinete de Identificação e Estatística Criminal

SISTEMA DE VUCETICH

REGISTRO GERAL Nº. _____

SECÇÃO		SERIE
MÃO ESQUERDA		MÃO DIREITA
	Polegares	
	Indicadores	
	Medios	
	Anulares	
	Mínimos	

SECÇÃO

SERIE

REGISTRO GERAL N. *179*

Augusto

0 Escriturario

Mansueto da Silva

INDIVIDUAL DACTILOSCOPICA

Série *179*
 Seção *179*

ASSIGNATURA DO IDENTIFICADO
Sociedade Felice

21

Nome Leonilla Sobrenome Felix
Vulgo Milfoba

Idade 24 annos Nascido em 1º de março de 1911

E. Civ Basada Nacionalidade Brasileira Natural de Itabayana - Para

hyba Filiação: pai Antonio Felix

Mãe Francisca Felix Instrução Sim

Profissão Domestica Residência Rua Guaratuba n. 1020 Petróp.

Notas Chromaticas. } Cor Branca Cabellos Cast. Mezz. Estatura: 1 m e 57 1/2 cs.

Barba Bigodes Olhos Castanhos escuros

Preso em 1º de dezembro de 1935 Identificado em 16 de dezembro de 1935

SIGNAES PARTICULARES

Representa uma laguena cicatriz de corte
na região frontal, lado esquerdo.

OBSERVAÇÕES

Implicada no movimento de caracter com-
munistas irrimplido em Natal a 23 de no-
vembro de 1935

Photographia tirada em 16 de dezembro de 1935



FICHA PARA INFORMAÇÕES

Reg. Geral N. ¹⁷⁴¹ 1797 Natal (Brasil), 6 de abril de 1936

Ilmo. Sr. Diretor do Gabinete de Identificação de

Rogo-vos-me informeis o que possa constar no Gabinete a cargo de V. S. sobre:

Nome Leonilla Felix

Idade 24 Naturalidade Itabaiana Parahyba Ident. em 16 de dezembro de 1935

Pai Antonio Felix Mãe Francisca Felix

Profissão Domestica Instrução Sim Estado civil Casada

Cutis Branca Bigodes Cabelos Castanhos lisos

Olhos Cast escuros Barba Informações abreviadas implicada no movimento

comunista irrompido em 23 de novembro de 1935

FIRMA DA PESSOA IDENTIFICADA

Leonilla Felix

O DIRETOR DO GABINETE

F. Vera Guerra

Polícia do Estado do Rio Grande do Norte

BRASIL

Gabinete de Identificação e Estatística Criminal

SISTEMA YUCETICH

Registro Geral N. Litero

		SERIE				
Mão direita						
	Polegares	Indicadores	Medios	Anulares	Mínimos	
		SECÇÃO				
Mão esquerda						

N. 696
(Daço no Tribunal Regional)



TITULO DE ELEITOR

RIO GRANDE DO NORTE

1ª zona de Natal (Município)

Domicílio eleitoral Natal

Número de ordem da inscrição 687

Data da inscrição no cartório 30 de Março de 1958

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (per extenso)

Luzia Gomes dos Santos

Qualificativos

Filiação Joaquim Gomes dos Santos

Naturalidade Rio Grande do Norte

Idade 31 anos - Data do nascimento 6 de

Dezembro de 1907

Estado civil casado

Profissão familiar

Luzia Gomes dos Santos

ASSINATURA DO ELEITOR

Mauof Suíva Moccina Dias
Juiz Eleitoral da 1ª Zona.

O presente título é expedido de acôrdo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado do Rio Grande do Norte e recebeu o número _____ aos _____ dias do mês de _____ do ano de mil novecentos e trinta e _____

Director da Secretaria



Polegar direito



Formula dactiloscopica

63333
53222

CARIMBO

Auto de
perguntas
feitas a
Leuzigomes
dos Santos.

Aos dezesseis dias do
mez de junho do anno de mil
novecentos e trinta e seis, nes-
ta cidade de Natal, em a Dele-
gacia de Ordem Social e In-
vestigação, presente o respectivo
delegado senhor Amaro Barbalho
de Albuquerque, comigo escrivão de
seu cargo abaixo assignado, ai
compareceu a mulher Leuzigoma
Gomes dos Santos com trinta
e quatro annos de idade, casada,
domestica, natural deste Estado,
residente na cidade de Mossoró
deste Estado, filha de Joaquim
Gomes dos Santos e de dona
Francisca Emilia de Paula,
sabendo ler e escrever, as
perguntas que lhe foram
feitas disse, que é esposa
do comunista Professor Ray-
mundo Reginaldo da Rocha,
que elle deante diz ser
filiada a União Democrática
do Brasil Orgão do Partido
Comunista; que conhece
como filiadas a União Democr

um conductor de bond, como
filhado a juventude Commu-
nista, que era a mesma União
Juvenissima; que não sabe se
seu esposo Professor Raimundo
Reginaldo ficou com dinheiro
do saque feito pelos rebeldes
na Agencia do Banco do Brasil
nesta Capital no dia 23 de
novembro do anno passado; que
ella declarante diz que seu es-
poso sahio desta Capital no dia
27 de novembro do anno passa-
do e que desde esse tempo
nunca mais teve noticias
de seu esposo Reginaldo. E
como nada mais disse nem lhe
foi perguntado, deu a autori-
dade por encerrado este depo-
nimento, que depois de lido e
achado conforme, foi assigna-
do pela autoridade, depoente
e por suas escrivães que o es-
creviu.

Américo Barbalho de Siqueira
Luiza Gomes dos Santos
Orlando Fleixera



Polícia do Estado do Rio Grande do Norte

Gabinete de Identificação e Estatística Criminal

Natal, 20 de maio de 1936

Ao Sr. Delegado de Ordem Social e Investigações

Attendendo á requisição contida no Officio n. 249,

datado de 7, da maio corrente, envio

Individual Dactiloscopica de Virgínio Pereira de Andrade

que figura no Registro ^{suspeito} Geral deste Gabinete, sob numero 485.

Saudações

O DIRECTOR

F. Veras Reguira



Auto de declarações pres-
tadas pela mulher Virgi-
nia Pereira de Andrade.

Aos sete dias do mez de Maio do anno
de mil novecentos e trinta e seis, nesta cidade de Natal, em
a Delegacia de Ordem Social e Investigações, presente o respec-
tivo Delegado senhor Amaro Carvalho de Siqueira, comigo escri-
vão de seu cargo abaixo assignado, ai compareceu a mulher Vir-
ginia Pereira de Andrade, com vinte e oito annos de idade, ca-
sada, brasileira, domestica, natural deste Estado, residente
á rua São Sébastião, filha de Manoel Ignacio Nunes e de dona
Antonia Pereira Nunes, sabendo ler e escrever prestou as se-
guíntes declarações disse; que ella declarante era filiada a
União Femenina Orgão do Partido Communista por proposta de
Amelia Gomes filha do professor Raymundo Reginaldo; que ella
declarante diz que a União Femenina é mantida pelo Socorro
Vermelho Internacional; que ella declarante conhece as seguin-
tes filiadas da União Femenina: Pretinha, irmã do sapateiro por
nome Moreira, Alice, estudante da Escola Normal desta Capital
e mora no Areial no Bairro das Roccas, Francisca Pinote resi-
dente á rua Silva Jardim, João Maranhão organizador da União
Femenina, Luiza Gomes e Amelia Gomes, esposa e filha do profes-
scr Raymundo Reginaldo respectivamente; que ella declarante diz
que José Praxedes de Andrade deixou (19:000\$000) dezenove con-
tos de reis, que foram aprehehdidos por George; que elle decla-
rante sabe de sciencia propria que na casa de Reginaldo fazia-se
reuniões da União Femenina, porem entre essas reuniões ella de-
clarante só assistiu treis; que ella declarante não sabe noti-
cias de seu marido José Praxedes, sabendo apenas por meios de
boatos que Praxedes tinha morrido na Serra do Doutor, e outros
dizem que morreu juntamente com Bangel, porem a poucos dias
viu na A Republica que elle estava refugiado no Estado de São

A AUTENTICA:--Auto de declarações prestadas pela mulher Virginia Pereira de Andrade:--Aos sete dias do mez de Maio do anno de mil novecentos e trinta e seis, nesta cidade de Natal, em a Delegacia de Ordem Social e Investigações, presente o respectivo Delegado senhor Amaro Carvalho de Siqueira, comigo escrivão de seu cargo abaixo assignado, ai compareceu a mulher Virginia Pereira de Andrade, com vinte e oito annos de idade, casada, brasileira, domestica, natural deste Estado, residente á rua São Sebastião, filha de Manoel Ignacio Nunes e de dona Antonio Pereira Nunes, sabendo ler e escrever prestou as seguintes declarações dissê; que ella declarante era filiada a União Femenina Orgão do Partido Communista, por proposta de Amélia Gomes filha do professor Raymundo Reginaldo; que ella declarante diz que a União Femenina é mantida pelo Socorro Vermelho Internacional; que ella declarante conhece as seguintes filiadas da União Femenina: Pretinha, irmã do sapateiro por nome Moreira, Alice, estudante da Escola Normal desta Capital e mora no Areial no Bairro das Rocas, Francisca Pinote residente á rua Silva Jardim, João Maranhão organizador da União Femenina, Luiza Gomes e Amélia Gomes, esposa e filha do professor Raymundo Reginaldo respectivamente; que ella declarante diz que José Praxedes de Andrade deixou (19:000\$000) dezanove contos de reis, que foram apprehendidos por George; que ella declarante sabe de sciencia propria que na casa de Reginaldo fazia-se reuniões da União Femenina, porem entre essas reuniões ella declarante só assistiu treis; que ella declarante não sabe noticias de seu marido José Praxedes, sabendo apenas por meios de boatos que Praxedes tinha morrido na Serra do Doutor, e outros dizem que morreu juntamente com Rangel, porem a poucos dias viu na A Republica que elle estava refugiado no Estado de São Paulo. E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado deu a autoridade por encerrado este depoimento, que depois de lido e achado conforme, vae assignado pela autoridade, declarante, testemunhas e por mim escrivão que escrevi dactylographando-o.(a)-Amaro Carvalho de Siqueira--Virginia Pereira de Andrade--Manoel Luiz dos Santos--Alipio da Silva Barros --Orlando Teixeira.-

Escrivão

Orlando Teixeira



Polícia do Estado do Rio Grande do Norte

Gabinete de Identificação e Estatística Criminal

Natal, 20 de maio de 1936

Ao Sr. Delegado de Ordem Social e Investigações

Attendendo á requisição contida no Officio n. 238, datado de 2, da maio corrente, envio a Individual Dactiloscopica de Maria José da Luz

que figura no Registro ^{suspeita} Geral deste Gabinete, sob numero 431

Saudações

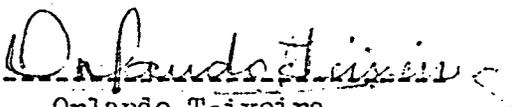
O DIRECTOR

F. Veias

COPIA AUTENTICA:--Auto de perguntas feitas a mulher Maria José da Paz:--Aos trinta dias do mez de Abril de mil novecentos e trinta e seis, nesta cidade de Natal, em a Delegacia de Ordem Social e Investigações, presente o respectivo delêgado senhor Amaro Carvalho de Siqueira, comigo escrivão de seu cargo abaixo assignado, ai compareceu a mulher Maria José da Paz, com dezesete annos de idade, casada, domestica, brasileira, natural do Estado da Parahyba, residente nesta Capital á rua Varella Santiago numero vinte e oito, filha de Antonio Francisco da Silva e de dona Severina Maria da Conceição sabendo ler e escrever as perguntas que lhe foram feitas disse; que foi empregado do professor Raymundo Reginaldo durante três mezes que desde ha muito o professor Raymundo Reginaldo vinha fazendo sessões communistas em casa de sua residencia á rua Guaratuba; que dentre essas sessões ella declarante acistiu uma da União Femenina; que ella declarante recebeu do professor Raymundo Reginaldo treis pacotes e um canivete, não sabendo ella declarante o que continha dentro dos referidos pacotes, lembrando-se somente que um delles continha duas calças de creança; que em seguida Reginaldo pediu a ella declarante para ir deixar em sua residencia os referidos pacotes, fazendo ella declarante a entrega dos citados pacotes, depois de dois dias; que um dos referidos embrulhos apesar do seu conteúdo parecer dinheiro dado a forma da sua embalagem, ella declarante não pode affirmar de sciencia propria, haja visto que não os abriu nem tentou abrir; que se filiou o partido militante da União Femenina no mez de Junho de mil novecentos e trinta e cinco; que da sua organização, digo que se filiou ao Partido Communista do Brasil, desde Junho de mil novecentos e trinta e cinco, por proposta da senhora Luzia Gomes, esposa do professor Reginaldo, Secretario Geral do Comité Regional Communista em sua secção do Rio Grande do Norte, militando na União Femenina onde fora designada para Encarregada de Jovens, conhecendo mais as seguintes militantes: Maria da Gloria Santos, Luzia Gomes esposa de Reginaldo, Amelia Gomes, João valdevino dos Santos, Virginia Praxedes, esposa de José Praxedes, Pretinha de tal; que conhece o professor Raymundo Reginaldo junto ao Partido Communista como membro do Comité Regional deste Estado; que nas

reuniões havidas em casa de Reginaldo e por ella declarante presenciadas ouvia sempre falar no nome do doutor José Pinto: que o archivo da União Femenina era confiado a Aristides de Tal que tem a profissão de sapateiro nesta Capital: que ella declarante assistiu por algumas vezes o marceneiro Francisco de Assis Camillo em ligações com o professor Reginaldo em sua residencia. E como nada mais disse e nem lhe foi perguntado deu a autoridade por encerrado o presente depoimento, que depois de lido e achado conforme, vae assignado pela autoridade, depoente, e por mim es- crivão que o escrevi. (a).-Amaro Carvalho de Siqueira--Maria José da Paz--Orlando Teixeira.-Dou fé.

O Escrivão


Orlando Teixeira



Auto de perquiritas
feitas a mulher
Maria José da Paz

Em trinta dias do mês
de Abril de mil novecentos e trinta e seis,
nesta cidade de Natal, por meio da Delegacia
de Ordem Social e Investigações, presente
o respectivo Delegado senhor Amaro de Souza
Valho de Albuquerque, comigo escrivão do seu
cargo abaixo assignado, ai compareceu a
mulher Maria José da Paz, com dezes-
sete annos de idade, casada, domestica,
brasileira, natural do Estado da Paraíba,
residente nesta capital á Varella
Santiago numero vinte e oito, filha
de Antonio Francisco da Silva, e de
dona Tezina Maria da Conceição,
sabendo ler e escrever as perquiritas que
lhe foram feitas disse que foi emprega-
da do professor Raymundo Reginaldo
do durante tres meses, que desde ha
muito o professor Raymundo Reginaldo
vinha fazendo sessões comunistas em
casa de sua residencia á rua Guaratã
do; que dentre essas sessões ella de-
clarante assistiu uma da União
Tezina Maria; que ella declarante recebeu
do professor Raymundo Reginaldo tres
pacotes e um cartete, mas sabendo
ella declarante o que continham den-
tro dos dois referidos pacotes lembrou-
do-se somente que um dellas continha

duas calças de criança; que em seguida Reginaldo pediu a ella de-clarante para ir deixar em sua resi-dencia os referidos pacotes, fazendo ella declarante a entrega dos citados pacotes depois de dois dias, em um dos referidos embrulhos apesar do seu conteúdo parecer diferente da-da a forma da sua embalagem, ella declarante não pode afirmar de sciencia propria, seja visto que não os abriu nem tentou abrir, que se filiou o partido militante da União Feminina no mez de junho de mil novecentos e trinta e cinco; que da sua organização, digo, que se filiou ao Partido Comunista do Brasil, des-de junho de mil novecentos e trinta e cinco, por proposta da senhora dona Luígia Gomes, esposa do professor Reginaldo, Secretario Geral do Comité Regional Comunista, em qua secção do Rio Grande do Norte, militando na União Feminina onde fora desig-nada para Encarregada de Jovens, conhecendo mais as seguintes mili-tantes: Maria da Glória Santos, Luíza Vinha Gomes, esposa de Reginaldo, Luízia Gomes, João Valdecino dos Santos, Virgínia Praxedes, esposa de José Praxedes, Pretinha de tal; que conhecia o professor Ray-mundo Reginaldo junto ao Par-tido Comunista como membro do

do Comité Regional deste Estado,
que nas reuniões havidas em
casa de Reginaldo e por ella
declarante presenciadas nunca sempre
falar no nome do deuter. José Pinto;
que o archivo da União Feminina
era confiado a Aristides de tal
que tem as propriedades de sapatero
nesta Capital; que ella declarante
assistiu por algumas vezes o mar-
cineiro Francisco de Assis Camillo
em ligações com o professor Pe-
reginaldo em sua residência. E para,
digo, e como nada mais disse e
nem lhe foi perguntado deu a au-
toridade por encerrado o presente depoi-
mento, que depois de lido e achado con-
forme, vai assignado pela autoridade,
de perante, e por minha escrisão que o
asserem.

Amaro B. Barbosa de Siqueira
Maria José da Paiz
Orlando Pereira

Illmº Sr. Delegado de Ordem Social
e Investigações.

"PARTE"

Tem esta o objetivo, apre-
sentar a V.E. o casal Sarvulo Cacimiro
e Maria José da Paz, sendo esta, antes
do movimento extremista, empregada do-
mestiva do celebre professor Raimundo
Reginaldo, chefe do Comité Comunista
Regional; após o fracasso do movimento
o aludido professor quando fugia passou
na residência do casal, onde demorou-se
umas seis horas, saindo dali, com auto-
ignorado.

Presumo que Sarvulo Cacimiro
possua alguma conta em dinheiro, pro-
vavelmente de enquadro na tabella do
Banco do Brasil, pois a residência do
casal é modestamente mobiliada. De bus-
ca que dei na residência do casal não
encontrei sequer vestigio de qualquer
objeto suspeito.

Em 30 de Abril de 1936

a) Manoel Andrade do Araujo

Investigador nº 10.